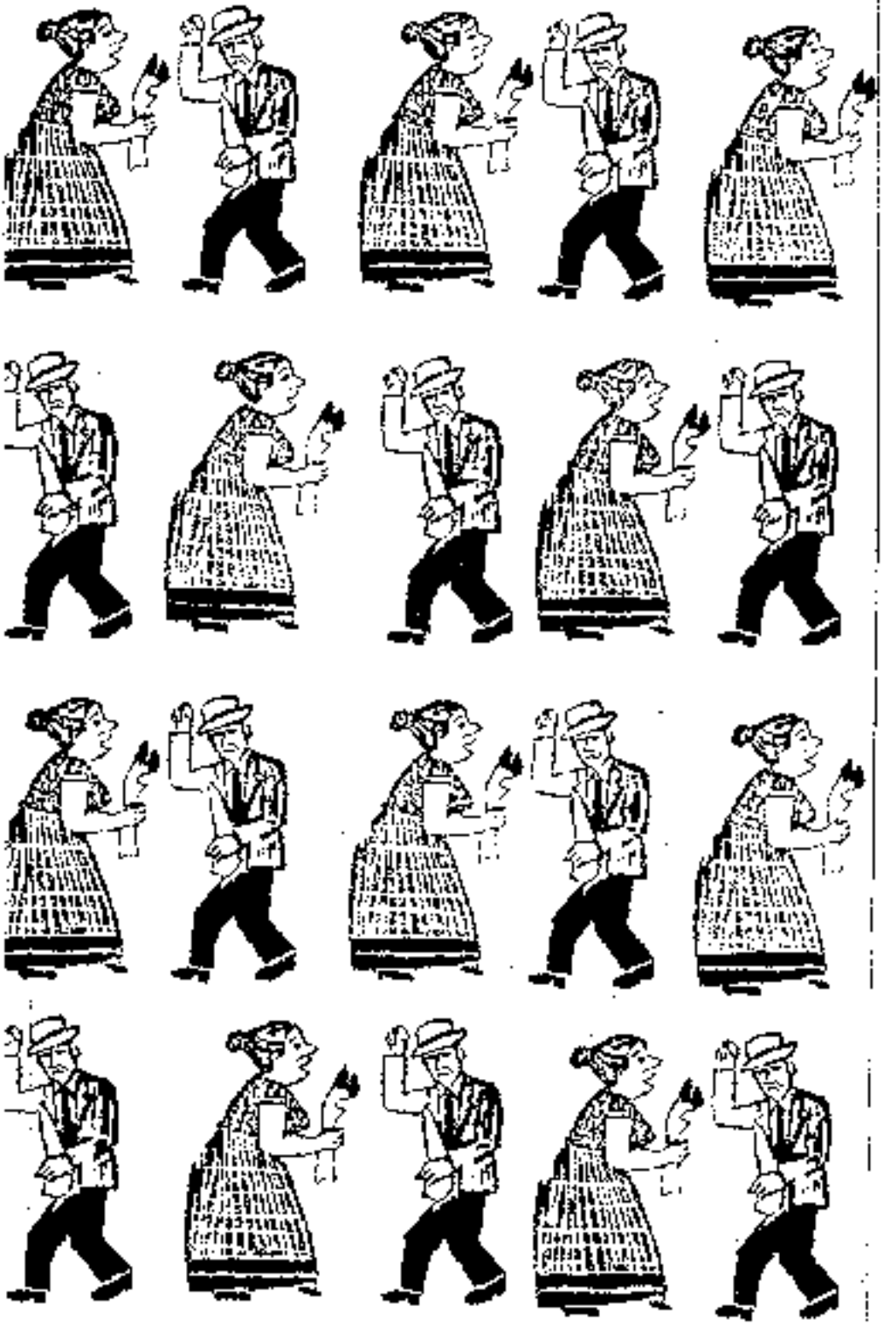
GEOGRAFIA VOCABULAR DO PAU

ATRAVÉS DA LÍNGUA PORTUGUESA

www.soutomaior.art.br
Mário Souto Maior Web

20-20 COMUNICAÇÃO E EDITORA

MÁRIO SOUTO MAIOR



Para
Albino Serra Junior,
com o abraço de
Manoel Santo Neto
[illegible]

GEOGRAFIA VOCABULAR DO PAU

ATRAVÉS DA LÍNGUA PORTUGUESA

Para

Armando Souto Maior

Eliezer Rosa

Florival Seraine

Nelson Saldanha

e

Padre Antônio Vieira

SUMARIO

Págs.

PREFACIO de Dino Preti, da Universidade de São Paulo 9
Introdução ... 17
A ... 25
B ... 29
C ... 31
D ... 37
E ... 41
F ... 45
G ... 49
H ... 51
I ... 53
J ... 55
L ... 57
M ... 59
N ... 63
O ... 65
P ... 69
Q ... 93
R ... 97
S ... 99
T ... 103
U ... 105
V ... 107
Bibliografia ... 109
Indice Onomástico ... 119
Opiniões ... 125

PREFÁCIO

DINO PRETI

da Universidade de São Paulo

(USP)

Pode-se dizer que existe no Brasil um grupo de pesquisadores devotados a uma lexicografia popular, que realizam suas pesquisas e as publicam nem sempre dentro daquelas rígidas normas da ciência dos dicionários. Estamos referindo-nos aqui à lexicografia, não como ciência que estuda as normas que presidem a elaboração das pesquisas do léxico (ou a análise lingüística dessa técnica). Estamos falando de uma "prática lexicográfica" que, na verdade, é muito antiga, anterior mesmo à própria invenção da imprensa. Essa contribuição, nem sempre levada em conta pelos cientistas do léxico, não raro constitui preciosos caminhos abertos para uma pesquisa mais em profundidade do léxico popular, da maneira desconhecida e original como as pessoas simples do povo criam a sua arte de dizer as coisas, intimamente ligada à sua cultura e aos seus costumes.

No Brasil, essa atividade tem-se misturado com a pesquisa folclórica e são muitos os autores que rechearam seus verbetes com a descrição dos costumes e tradições do povo brasileiro. Na linha dessa pesquisa popular estão, além de Mário Souto Maior, muitos outros nomes, dos quais lembramos, de passagem, Nelson Barbalho (**Dicionário do açúcar**); Carlos Queirós Telles (**Manual do cara de pau**), um dos primeiros a re-

colher o fenômeno dos jargões profissionais; Horácio de Almeida (**Dicionário erótico de língua portuguesa**); Nivaldo Sariú (**Dicionário do baianês**); Ariel Tacla (**Dicionário dos marginais**); Florival Serraine (**Dicionário de termos populares, registrados no Ceará**); Tomé Cabral (**Dicionário de termos e expressões populares**) e muitos outros.

Permanecendo, quase sempre, dentro dos limites da cultura regional, esses autores realizam uma contribuição importante dessa prática lexicográfica, embora, algumas vezes, tenham caminhado pouco atentos à complexidade das regras técnicas de composição dos dicionários, de acordo com a lexicografia contemporânea.

Alguns, como Mário Souto Maior, voltaram seus interesses para uma grande variedade de temas e realizaram muitos trabalhos de pequeno porte, mas preciosos pela riqueza das informações colhidas. Assim, lembramos um dos livros mais originais e representativos da cultura brasileira (mais especificamente do Nordeste), que constitui uma contribuição original à Antroponímia, em nosso país: **Nomes próprios pouco comuns** (já em 3.ª edição), pesquisa realizada sobre nomes extravagantes recolhidos em cartórios, registros civis e outras fontes, em todo o Brasil.

O mesmo autor, ainda, trabalhou sobre o tema da cachaça, publicando seu **Dicionário folclórico da cachaça**, que apresenta subsídios preciosos para a compreensão de inúmeros vocábulos e frases ligados à cultura que surgiu paralela à lavoura açucareira do País e se espalhou até pelos grandes centros urbanos.

Os limites de Mário Souto Maior, pesquisador pernambucano de Bom Jardim, vão além de sua cidade e de sua região. Em 1988, surpreendeu os lingüistas brasileiros com o seu polêmico **Dicionário do palavrão**, obra por nós saudada pela imprensa paulistana como uma contribuição efetiva para o estudo do léxico popular, despojado do ranço preconceituoso dos filólogos.

Com mais de trinta obras publicadas, Mário Souto Maior continua a ouvir o povo, a contar suas histórias, a esquadrinhar dicionários, obras regionais, revis-

tas e jornais, para reunir vocábulos, falar da origem das frases e dos provérbios, contar a história das palavras.

Em **Geografia vocabular do pau,** seus limites regionais se alargam, recolhendo exemplos que remontam não só ao território brasileiro, mas também a Portugal, Ilha da Madeira e Moçambique.

Um primeiro exame dos verbetes que compõem este vocabulário, permitirá ao leitor constatar que o folclorista e etnógrafo da Fundação Joaquim Nabuco, do Recife, revela um cuidado maior no tratamento das técnicas lexicográficas, indicando sempre que possível a origem das expressões, abonando-as com as fontes escritas e literárias, sempre atento às referências bibliográficas.

Das expressões formadas com a palavra **pau** (cerca de 350), pode se dizer que, aproximadamente, uma centena fazem parte da linguagem usual brasileira (considerando-se como tal aquela registrada pelos jornais e pela mídia, em geral). Essa porcentagem é razoável para o interesse imediato do consulente, mas o registro das demais é uma tarefa igualmente importante para a lexicologia brasileira, no sentido de não se perderem as ligações culturais entre o vocábulo e seu contexto cultural, como, por exemplo, ocorre em verbetes como **pau de mochiba,** "vassourinha improvisada para cacovar dentes na Bahia antiga"; ou **pau de virar tripa,** "moça magra no Nordeste", etc.

O autor não insiste muito na área semântica erótico-obscena das expressões, em que **pau** figura como símbolo fálico, importantíssimo numa sociedade de raízes rurais e, portanto, extremamente machista, como a nossa. Assim, em **falta de pau** indica-se apenas a significação nordestina de "alguém que está merecendo um corretivo" ou a de "alguém que tem comichão nas costas", originária da Ilha da Madeira. Mas omite-se o sentido obsceno de "mulher necessitada de relações sexuais, para se acalmar, para tornar-se mais sociável", muito comum na linguagem popular masculina da cidade grande, uma evidente marca do machismo predominante no país, apesar das conquistas da mulher contemporânea.

Predominam nos verbetes as áreas semânticas ligadas às práticas rurais ou da pequena cidade (quase sempre do Nordeste), como em expressões do tipo **O burro e a mulher, a pau se quer**; ou **pau de lata**, que remetem imediatamente a contextos culturais específicos.

As expressões reais ou metafóricas, as redes de sentido que se referem a uma área semântica erótico-obscena poderão, quem sabe, propiciar a ampliação deste vocabulário, em futuras edições, pesquisando-se o contexto urbano das grandes cidades brasileiras, em que o vocábulo **pau** entrou na formação de expressões e sintagmas injuriosos do dia-a-dia. Ou de expressões que demonstram a violência urbana, como **meter o pau** (já incluída na obra), na acepção de "falar mal de alguém", como se o ato se transfigurasse semanticamente em "bater em alguém com um pau".

Mas Mário Souto Maior — esse escritor incansável — sabe que a **Geografia vocabular do pau** não se encerra aqui nesta primeira edição e que certas áreas semânticas poderão vir a ser mais exploradas (principalmente numa pesquisa por questionário), enriquecendo-se e atualizando seus verbetes. Como uma boa testemunha da linguagem do povo, o autor certamente reconhece que esse movimento incessante das palavras que vem e se vão (e, às vezes, tornam a vir) é uma marca da efemeridade cultural contemporânea, onde os fenômenos acontecem rápidos, as tradições se perdem também depressa, levadas pelo progresso e pelo crescente processo de uniformização cultural dos povos, sob a influência, cada vez maior, dos modelos do primeiro mundo.

São Paulo, dezembro, 1993

BIBLIOGRAFIA DE MÁRIO SOUTO MAIOR

1 — MEUS POEMAS DIFERENTES. Recife: 1938
2 — ROTEIRO DE BOM JARDIM [com Moacyr Souto Maior]. Recife: 1954
3 — COMO NASCE UM CABRA DA PESTE. São Paulo: Arquimedes Edições, 1969; 2a. ed., Recife: Edições Grumete, 1984
4 — O CICLO. Recife: 1970
5 — CACHAÇA. Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do Álcool, 1970/1971; 2a. ed., Brasília: Thesaurus, 1985
6 — ANTÔNIO SILVINO, CAPITÃO DE TRABUCO. Rio de Janeiro: Arquimedes Edições, 1971
7 — EM TORNO DE UMA POSSÍVEL ETNOGRAFIA DO PÃO. Recife: 1971
8 — DICIONÁRIO FOLCLÓRICO DA CACHAÇA. [1a. edição]. Recife. 1973; 2a. edição, Fundação Joaquim Nabuco, 1980; 3a. edição, Recife: Editora Massangana, 1985
9 — A MORTE NA BOCA DO POVO. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1974
10 — NOMES PRÓPRIOS POUCO COMUNS [1a. e 2a. edições]. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1974; 3a. edição: Recife, 1982
11 — TERRITÓRIO DA DANAÇÃO (Prêmio Vânia Carvalho, da Academia Pernambucana de Letras 1977). Rio de Janeiro: Livraria São José, 1976
12 — NORDESTE: A INVENTIVA POPULAR (Prêmio Joaquim Nabuco, da Academia Pernambucana de Letras, 1976). Rio de Janeiro: Editora Cátedra/INL, 1978
13 — DICIONÁRIO DO PALAVRÃO E TERMOS AFINS [1a., 2a. e 3a. edições]. Recife: Editora Guararа-

pos Limitada, 1980; 4a., 5a. e 6a. eds. Rio de Janeiro: Record, 1988/92

14 — FOLCLOREROTISMO (1a. e 2a. edições). Recife: Edições Pirata, 1980, 1981

15 — GALALAUS E BATORES. Recife: Editora Universitária/UFPE, 1981

16 — PAINEL FOLCLÓRICO DO NORDESTE. Recife: Editora Universitária/UFPE, 1981

17 — COMES E BEBES DO NORDESTE (1a., 2a. e 3a. eds.). Recife: Editora Massangana, Fundação Joaquim Nabuco, 1984-1985

18 — MULHERES E RUAS. Recife: Grumete Edições, 1984

19 — SETE ESTÓRIAS SEM REI. Recife: Grumete Edições, 1984

20 — REMÉDIOS POPULARES DO NORDESTE. Recife: Editora Massangana, 1986

21 — FOLCLORE QUASE SEMPRE. Recife: Grumete, 1986

22 — VELHOS E JOVENS: UMA FOLCLÓRICA RIVALIDADE. Recife: Grumete, 1987

23 — FOLCLORE & ALIMENTAÇÃO (Prêmio Silvio Romero, 1979 e Gran-Prêmio Iberoamericano Augusto Cortazer/1989, Fondo Nacional de las Artes, Ministerio de Educación y Justica, Argentina). Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Folclore, 1988

24 — ANTOLOGIA PERNAMBUCANA DE FOLCLORE (com W. Valente). Recife: Editora Massangana, 1988

25 — ANTOLOGIA DA POESIA POPULAR DE PERNAMBUCO (com W. Valente). Recife: Editora Massangana, 1989

26 — ANTOLOGIA DO CARNAVAL DO RECIFE (com Leonardo Dantas Silva). Recife: Editora Massangana, 1991

27 — A LÍNGUA NA BOCA DO POVO. Recife: Editora Massangana, 1992

28 — SOGRAS: PRÓS & CONTRAS — E OUTRAS CONVERSAS. Recife: 1992

29 — O RECIFE — QUATRO SÉCULOS DE SUA PAISAGEM (com Leonardo Dantas Silva). Recife:

Editora Massangana/Fundação Joaquim Nabuco, 1992

30 — A PAISAGEM PERNAMBUCANA (com Leonardo Dantas Silva). Recife: Editora Massangana/Fundação Joaquim Nabuco, 1993

31 — O PUXA-SACO: AQUI, ALI & ACOLÁ. Recife, 1993

32 — TRES ESTÓRIAS DE DEUS QUANDO FEZ O MUNDO (Folclore infantil). Recife: 20-20 Comunicação e Editora Ltda., 1993.

33 — RIQUEZA, ALIMENTAÇÃO E FOLCLORE DO COCO. Recife. 20-20 Comunicação e Editora Ltda., 1994.

34 — GEOGRAFIA VOCABULAR DO PAU ATRAVÉS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Recife: 20-20 Comunicação e Editora Ltda., 1994.

35 — A MULHER E O HOMEM NA SABEDORIA POPULAR. Recife: 20-20 Comunicação e Editora Ltda., 1994.

A SAIR:

ANTOLOGIA PERNAMBUCANA DE FOLCLORE (2° Vol.), com Waldemar Valente
BIBLIOGRAFIA PERNAMBUCANA DE FOLCLORE
BIBLIOGRAFIA DA LITERATURA DE CORDEL
AS DOBRAS DO TEMPO: QUASE MEMÓRIAS
CARNAVAL: TEXTOS, IMAGENS E SONS (com Fernando Spencer e Renato Phaelante)

INTRODUÇÃO

Na zona rural nordestina — e acredito que o mesmo aconteça no Norte e no Centro-Oeste brasileiros — quase ninguém diz árvore, palavra usada somente por pessoas elitizadas que alisaram os bancos das escolas ou universidades. O nome certo, que todos falam, mesmo, é **pau**. O homem do interior chama um "pé de milho", um "pé de feijão", um "pé de banana", um "pé de jaca", um "pé de coco". Os mais sabidos, por força do contato com pessoas outras e da televisão, para esnobar ou demonstrar que sabem ler e escrever, é que falam uma "bananeira" (um "pé de banana"), uma jaqueira (um "pé de jaca"), um coqueiro (um "pé de coco") e assim por diante. E quando não sabem se o pé é pé de que, dizem "pé de pau".

Vamos encontrar na literatura brasileira, tanto na de ontem como na de hoje, o registro da expressão interiorana **pé de pau**. Gustavo Barroso (1) escreveu: "Paramos à sombra de um **pé de pau**". José Américo de Almeida (2), por sua vez, registrou a expressão, assim: "Vivo nesses sovacos de serra. Já remexi todo esse mato. Não há **pé de pau** que eu não tenha dormido embaixo". Guimarães Rosa (3) também fez uso da locução: "Trape por meu cavalo — que achei — pulei em mal assento, nem sei em que rompe tempo desatei o cabresto de amarrado em **pé de pau**. Graciliano Ramos (4), que tão bem soube retratar a aridez da terra e da gente do Nordeste e também um dos maiores clássicos da ficção nacional, consignou essa expressão popular, contando: "Viviam de trouxa arrumada bem debaixo de um **pau**". Seria um eterno nunca acabar caso continuássemos a demonstrar como os escritores do Nordeste, do Norte e do Centro-Oeste registraram, no passado e no presente, o vocábulo **pau** e a expressão popular **pé de pau**.

E **mato**? Quando é que o nosso rurícola usa a palavra **mato** nas conversas dos alpendres, nas bodegas,

nas feiras, na fala do dia-a-dia? Geralmente **mato** é vegetação rasteira quando falam. — "José pegou a enxada e foi limpar **mato** no roçado". **Mato** é mata, floresta: — "Fugido da polícia, Joaquim se internou no **mato**, onde passou a viver e a dormir até que as coisas melhorassem". **Mato** também significa grande quantidade, abundância de qualquer coisa: — "Gente era **mato** na festa de padroeira". **Mato** ainda é vocábulo usado quando não se quer mais alguma coisa e se joga fora: — "Não queria mais os sapatos que estavam muito velhos e jogou-os no **mato**"

É assim que **pau, pé de pau** e **mato** vivem na boca do povo da zona rural.

Mas o **pau** não participa somente da linguagem popular de algumas regiões brasileiras, conforme as trezentas e cinquenta e tantas expressões populares, provérbios, etc., que consegui arrolar nesta pesquisa. O **pau** também participa, de maneira invulgar, da vida não somente do homem do interior como até mesmo do homem que habita os grandes centros populacionais. É mencionar todas essas serventias seria mais do que impossível, dada a sua importância no dia-a-dia de todos nós.

Do **pau** é feita a casa onde moramos e passamos a maior parte de nossas vidas: a cama, onde fomos gerados; o berço, onde dormimos os primeiros sonos, os móveis, as carteiras escolares, o quadro-negro, o lápis e a régua — quando aprendemos as primeiras letras nas escolas e colégios e quando estudamos, nas universidades, para aprender um ganha-pão, o cabo das ferramentas e instrumentos de trabalho, a lenha que cozinha os nossos alimentos, as fogueiras que tanto alegram as noites de São João, as **pernas-de-pau** e tantos outros brinquedos da infância distante. De **pau** é feito o nosso caixão fúnebre quando viajamos para a Eternidade.

Sem a ajuda do pau não existiria o lápis, o papel. E este livro não teria sido publicado.

Esta pesquisa procurou, na medida do possível, abrir um caminho que pudesse conduzir um investigador social mais jovem no sentido de fazer um trabalho mais demorado, com mais profundidade, sobre a pre-

sença do vocábulo pau na língua portuguesa falada em Portugal, no Brasil, na Ilha da Madeira e em Moçambique. Gostaria que o trabalho tivesse mais amplitude, um campo de ação mais abrangente e uma análise mais a cargo de um pesquisador em assuntos linguísticos do que a curiosidade e a vontade de fazer as coisas da parte de um etnógrafo numa especialidade que, a rigor, quase não lhe diz respeito. Esta pesquisa foi apenas um abrir de vereda e através dela os versados em assuntos lingüísticos poderão analisar sob óticas diversas, a invenção, o tempo de uso, a morte e até mesmo a ressurreição de expressões populares que, depois de algum tempo de criadas na boca do povo, mergulham no esquecimento, no desuso e, tempos depois, ressurgem com o mesmo significado, como aconteceu com — somente para exemplificar — a locução **mexer-com-os-pauzinhos**, que, usada por Afrânio Peixoto em 1929, andou hibernando por algum tempo e que agora, sessenta e quatro anos depois, por força das transformações políticas ocorridas no país, voltou à tona, usada pela revista **Veja**, de São Paulo, conforme poderá ser verificado no seu verbete.

Outras expressões populares não conseguiram ganhar, por seu regionalismo, uma ambiência nacional e, se conseguiram, morreram algum tempo depois para dar lugar a uma substituta, como no caso de se dizer que uma **pessoa era pau, maçante**, usada ainda hoje por pessoas de mais idade que não aceitaram a expressão ser **chato**.

Como a língua é feita pelo povo, cada dia que passa novas expressões populares são criadas pela inventiva popular, com o mesmo destino de permanecer ou mergulhar por algum tempo, para, em seguida, reaparecer ou desaparecer definitivamente. É que geralmente muitas expressões populares têm a vida da geração durante a qual elas foram criadas, postas em circulação. As pessoas de determinada geração quando morrem, levam consigo o falar de sua época, ficando, apenas, as que foram registradas em livros, revistas e jornais.

Tenho absoluta certeza de que fiz a minha parte, dando minha contribuição, desbravando o assunto, abrindo a vereda, fazendo com que o caminho a ser percorrido fique mais fácil.

MARIO SOUTO MAIOR

Março, 1993

BIBLIOGRAFIA

1. BARROSO, Gustavo. **Alma sertaneja**. Rio de Janeiro, 1923, p. 157.

2. ALMEIDA, José Américo de. **Coiteiros**. IN: TRÊS novelas de José Américo de Almeida. Rio de Janeiro: Editora Leitura SA/Ministério da Educação e Cultura, 1971, p. 93

3. ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas** (4a. ed.). Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1965, p. 18.

4. RAMOS, Graciliano. **Vidas secas** (24a. ed.). São Paulo: Livraria Martins Editora, 1970, p. 59.

GEOGRAFIA VOCABULAR DO PAU ATRAVÉS DA LÍNGUA PORTUGUESA

A

A-DAR-COM-UM-PAU. "Em grande quantidade", "em abundância", registram Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1), Eduardo Nobre — Portugal (18), Abel Marques Caldeira — Ilha da Madeira (24), Manuel Viotti (39), F. A. Pereira da Costa — Pernambuco (47) e Guilherme Augusto Simões — Portugal (59).

A-FÉ-É-QUE-SALVA-E-NAO-O-PAU-DA-BARCA. Provérbio português que diz respeito à importância da fé, registra Pedro Chaves — Portugal (65).

A-HOMEM-MAU,-COM-CORDA-E-PAU. Provérbio que lembra a necessidade de castigar as pessoas que praticam o mal, registra Mário Lamenza (54).

A-MANCEBO-MAU,-COM-PAO-E-COM-PAU. Antigo rifão português que diz respeito ao ato de castigar os que erram, sem exceder no castigo, registra Pedro Chaves — Portugal (65).

A-MEIO-PAU. 1. Diz-se quando a bandeira de um país, de um estado ou de uma entidade qualquer, é hasteada somente até a metade do mastro, em sinal de luto quando morre uma pessoa importante. 2. "Alegre, meio bicado", registra F. A. Pereira da Costa — Pernambuco (47). Abon.: "O velhote deixou-se levar pelo gosmado de Anastácio, que entendeu botá-lo a **meio-pau**". **A Pimenta**, Recife, n. 36, 1902.

A-MULA-E-A-MULHER-COM-PAU-SE-QUER. Provérbio registrado por Mário Lamenza (54). Dizem que a mula

e a mulher são muito emperradas, difíceis de convencer. O homem do campo ama sua esposa mas também gosta muito de sua mula. Para alguns deles, conforme o caso, ambas merecem ser castigadas...

A-PAU. "Na expectativa, atenção", conforme Guilherme Augusto Simões — Portugal (59).

A-PAU-E-CORDA. "Sofrendo pancada e amarrado", dicionariza Manuel Viotti (39).

A-PRIMEIRA-MACHADADA-NÃO-DERRUBA-O-PAU. Provérbio registrado por Leonardo Mota — Ceará (56), que nos fala na necessidade de persistir na prática de todos os atos, para que se possa chegar a bom termo.

ABA-DE-PAU. "Sova, surra, tunda dada com um pau", segundo Guilherme Augusto Simões — Portugal (59).

ABRIR-NOS-PAUS. "Fugir", ensina Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1).

AGARRADO-COMO-OSTRA-EM-PAU-DE-PONTE. Diz-se de tudo que é "muito agarrado", conforme Carvalho Deda — Sergipe (48).

AGORA-DÁ-PÃO-E-MEL,-DEPOIS-DÁ-PAU-E-FEL. O povo diz que, no começo, "tudo são flores", tudo é sempre muito bom. Depois, tudo muda, com o passar do tempo.

AINDA-TEM-PAU-PRA-VIRAR. Diz-se quando se trata de "problema de difícil solução", registra Alexandre Passos — Bahia (20).

ANDAR-AOS-PAUS. "Não ter nada o que fazer", dicionariza Eduardo Nobre — Portugal (18).

AO-FALAR-DO-MAU,-APARELHAR-O-PAU. Provérbio coletado por Mário Lamenza (54), lembrando o cuidado de tomar as devidas precauções com relação a determinadas pessoas.

ARMAR-COM-ASAS-DE-PAU. "Sovar, espancar", segundo Guilherme Augusto Simões — Portugal (59).

ARREBENTAR-NO-PAU. "Surrar, sem dó nem piedade, a pau, a cacete", como se diz no Nordeste. Abon.: "Se eu descobrir que esse corno tem o vício de Cheira-Província, **arrebento ele no pau**" BORBA FILHO, Hermilo. **Agá**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A., 1974, p. 93.

AS-DE-PAUS. "Indivíduo magrizela", ensina Guilherme Augusto Simões — Portugal (59).

ASAS-DE-PAU. "Sova, pancadaria", explica Guilherme Augusto Simões — Portugal (59).

ASNO-MAU,-JUNTO-DE-CASA-CORRE-SEM-PAU. Velho ritão português, registra Pedro Chaves — Portugal (65).

ASSENTAR-O-PAU-EM. "Meter o pau em", dicionariza Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1). Veja METER-O-PAU.

ASSIM-COMO-DÁ-PÃO,-PODE-DAR-PAU. Provérbio que explica o dever que os pais têm de castigar os filhos quando erram, conforme Mário Lamenza (54).

AVENTAL-DE-PAU. "Meia-porta de madeira através da qual as meretrizes se sentam à espera dos clientes", segundo Guilherme Augusto Simões — Portugal (59).

AZADO-É-O-PAU-PARA-A-COLHER. Velho ritão português coletado por Pedro Chaves — Portugal (65).

B

BAIXAR-O-PAU. Espancar, "o mesmo que **baixar-o-sarrafo**", registram Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1), Tomé Cabral — Ceará (4) e Horácio de Almeida — Paraíba (29).

BANDEIRA-A-MEIO-PAU. "Bandeira hasteada no meio da haste em sinal de luto", registram Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1) e Silveira Peixoto (7).

BATE-PAU. "É dança de roda com exceção dos dois violeiros que ficam no centro e dirigem o folguedo. Os dançarinos, aos pares, formam a roda, munidos cada um de um cacete, que seguram pelo meio com ambas as mãos. A música é viva, alegre, repiniada nas violas em compasso que vai cada vez mais rápido. Os figurantes ficam defrontando seus pares, mantendo certa distância que dê para serem chocados os porretes, inicialmente embaixo, na altura da barriga, depois, com um gingado de corpo acompanhando o ritmo, voltam se para o vizinho que estava costa a costa com ele e, ao defrontá lo novamente, faz chocar os cacetes, desta vez em cima, na altura da testa. Os violeiros cantam: — Pula pro cá/Pula pra lá/Macaco no galho/Não quer caçá. A dança não pára. As violas repinicam. Há risos entre assistentes e cançarinos, dos trejeitos para acertar as batidas. Cantam os violeiros. — Pito pilou/Canudo rachou/Papo de véia/Rebentou. Quase sempre quatro versinhos curtos. O compasso amiúda. O redilhado nas violas vai atingir um frenesi. Os dançarinos estão atentos. O ritmo é perfeito. Mas, ainda mais se acelera a toada arrelienta. Já não se aguentam mais. Os dançarinos guar-

dam silêncio, atentos ao ritmo da música que acompanham, entrechocando os cacetes. Um par, entre velas dos companheiros, salta para fora. Estreita-se a roda. Há demonstração de destreza inconcebível. Mas tem seu fim. Um após outro, num relance, erra os golpes; então, entre risos e caçoadas, termina a dança", explica Francisco Brasileiro — São Paulo (82). O mesmo que PICA-PAU.

BATER-EM-PAU. "Tocar em qualquer pedaço de madeira para evitar alguma coisa ruim; bater na madoira", registra Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1). "Isolar", quando são pronunciados os nomes de pessoas que dão lilu. Na década de 40, era bom isolar, bater em pau, em madeira, toda vez que se ouvisse a canção **Ramona**.

BATER-O-PAU-DA-PORTEIRA. "Ficar sem o gado, por morte (seca ou calamidade) ou por insucesso em negócio", registram Tomé Cabral — Ceará (4) e Horácio de Almeida — Paraíba (29).

BESTA-DE-PAU. "Pessoa ordinária", sem qualidade nenhuma, registra Horácio de Almeida — Paraíba (29). Abon.: "Bem que eu queria pegar agora aquele **besta-de-pau**, sapecava-lhe fogo no mucumbu, sem piedade". LUSTOSA, Nelson. **Garganta do esqueleto**, p 118.

BEXIGA-DO-POÇO-DO-PAU. Diz-se de tudo quanto é ruim e que não presta pra nada. (Pernambuco).

BULIR-COM-OS-PAUZINHOS. "Diligenciar, promover meios, procurar amparo a uma pretensão", registram Tomé Cabral — Ceará (4) e Paulino Santiago — Alagoas (32).

BURRO-MAU,-INDO-PRA-CASA,-CORRE-SEM-PAU. Velho provérbio luso-brasileiro recolhido por Leonardo Mota — Ceará (56) e Pedro Chaves — Portugal (65). Todos, mesmo os maus, sempre acertam com o caminho de casa, voltando, assim, à casa paterna.

C

CABEÇA-DE-PAU. 1. "Indivíduo sem inteligência". "estulto", "burro", registram Tomé Cabral — Ceará (4), Silveira Bueno (7), R. Magalhães Júnior (52). Abon.: "Na maior parte, os encarregados de negócios são **cabeças-de-pau** sem préstimo nem tino". ALMEIDA, Flalho. **Os gatos**. 5.º vol. 2. "Indivíduo que, para os outros, arremata objetos em leilão". dicionariza Guilherme Augusto Simões — Portugal (59).

CABO-DE-PAU. "Façáo de má qualidade", explica Saul Martins — Minas Gerais — Região do São Francisco (45).

CAIR-DE-PAU-EM. "Censurar severamente", registra Euclides Carneiro da Silva (46). Abon.: "Você aí, observador de araque, ao invés de **cair-de-pau** no Marzaga... vê se dá uma colher de chá ao Festival que alegra sua vida". VASCONCELOS, Marcos de. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, 27 out., 1970, p. 5.

CAIR-NO-PAU. "Revelar um segredo", conforme Guilherme Augusto Simões — Portugal (59).

CAIR-NOS-PAUS. Fugir para lugar incerto e não sabido (Nordeste/Pernambuco).

CAIXA-DE-PAU. "Caixa ou mala onde se guardava o enxoval", explica Guilherme Augusto Simões — Portugal (59).

CALIBRAR-O-PAU. "Endurecer o pênis", conforme Horácio de Almeida — Paraíba (29).

CANTAR-O-PAU. "Haver briga, surra, pancadaria", dicionarizam Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1) e Manuel Viotti (39).

CAPAZ-DE-DAR-NÓ-EM-PAU-SECO. Expressão popular colhida por Leonardo Mota — Ceará (56), mostrando a habilidade e a lábia usadas por determinadas pessoas com a intenção de convencer ou ludibriar os mais ingênuos.

CARA-DE-PAU. 1. "Indivíduo antipático, cínico, insensível, que não sorri", registram Tomé Cabral — Ceará (4), Horácio de Almeida — Paraíba (29), José de Cusatis — Rio de Janeiro (34), Euclides Carneiro da Silva — Rio de Janeiro (46) e George Queiroz Gaudêncio (80). Abons.: a) "Renato ainda teve a **cara-de-pau** de perguntar onde ele estava". CONTENTE, Antônio. **Última Hora**, São Paulo, 7 jul., 1969, p. 10; b) "Deixara-o no meio do salão com **cara-de-pau**", MARTINS, Fran. **Porta de rua**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1997, p. 201; c) "Você esperando que os outros vivam, para depois comentá-los com a maior **cara-de-pau**". ANDRADE, Carlos Drummond de. **O poder ultrajovem** (2a. ed.). Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1973, p. 120; d) "Quando o bolha é metido a entendido, ele pergunta com a maior **cara-de-pau**: — O que é que você quer, nacional ou escote?" LESSA, Orígenes. **Beco da fome**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Editora S. A., 1972, p. 28; e) "Ela foi a Bagdá solidarizar-se com um ditador, Saddam Hussein, que está mais para **cara-de-pau** do que para cara-pintada". **Veja**, São Paulo, ano 26, n. 6, 10 fev., 1993, p. 45; f) "O cara é o cão, mente que nem a gota serena! E com a maior **cara-de-pau** do mundo, garantindo que tudo o que diz é de vera". ÂNGELO, Ass.s. **O coronel e a borboleta**. São Paulo: Stúdio F, 1992, p. 42; g) "Arménia, você é uma cara-de-pau!" **Deus nos acuda**. Novela, TV-Globo, 13 fev., 1993; 2. "Impossível, sem expressão", conforme Guilherme Augusto Simões — Portugal (59).

CARGA-DE-PAU. "Surra, tunda: dar, levar, tomar uma carga-de-pau", segundo F. A. Pereira da Costa — Per-

nambuco (47). Abon.: "Que o menos que podia acontecer era o rebelde esposo se meter numa **carga-de-pau**", **Jornal do Recife**, Recife, n.º 110, 1916. A mesmo locução popular também é usada em Portugal com o mesmo sentido, segundo Guilherme Augusto Simões — Portugal (59).

CASA-DE-FERREIRO-ESPETO-DE-PAU. "O rifão adverte que quem faz uma coisa para comércio, ou para uso de terceiros, muitas vezes dela se priva", explicam R. Magalhães Júnior (52) e Mário Lamenza (54).

CASTIGAR-SEM-PAU-NEM-PEDRA. "Modo de referir uma penalidade moral", ensinam Eduardo Nobre — Portugal (16) e Guilherme Augusto Simões — Portugal (59).

CAVALO-DE-PAU. 1. "Navio ou barco grande (preferido no transporte de degredados", registra Guilherme Augusto Simões — Portugal (59), o mesmo fazendo F. A. Pereira da Costa — Pernambuco (47).; 2. "Bicicleta", segundo Maria Francelina e Ibrahim Drummond — Mato Grosso (58); 3. "Mulher alta", registram Mário Souto Maior (11) e Guilherme Augusto Simões — Portugal (59). 4. Brinquedo de menino pobre, geralmente feito com um cabo de vassoura ou um cambão de milho na zona rural do Nordeste, asseguram Mauro Mota — Pernambuco (37) e Horácio de Almeida — Paraíba (29).

CAVALO-GRANDE-BESTA-DE-PAU. "Crítica aos homenzarrões pusilânimes", explica Leonardo Mota — Ceará (40).

CERTO-QUE-SÓ-PAU-DE-CAMBITEIRO. "Comparação popular nordestina" colhida por Nelson Barbalho — Pernambuco (64).

CHAMAR-PRO-PAU. "Costume tradicional em Aracau (CE), espécie de **serração da velha**, destituída do seu principal ato simbólico, que era o de serrar uma barrica em frente à casa da vítima", de conformidade com o que diz Florival Soraine — Ceará (2).

CHEGAR-NO-PAU. "Diz-se quando os parelheiros chegam tão juntos que dificulta saber qual o vencedor", esclarecem Tomé Cabral — Ceará (4) e Manuel Viotti (39).

CHEIO-DO-PAU. "Bêbado", conforme Nivaldo Larú — Bahia (9).

CIPÓ-PAU. "Cipó grosso, forte, rijo; pau de bater. Cipó-pau vem do nome vulgar do próprio arbusto, trepador, da família das Sapindáceas, de que é tirado, sendo assim flexível, de facilmente vergar", consigna F. A. Pereira da Costa — Pernambuco (47). No Nordeste são muito usadas, como corretivo, em ladrões de cavalo, as surras com cipó-pau.

COBRIR-NO-PAU. "Dar uma surra", registra George de Queiroz Gaudêncio — Paraíba (80).

COLHER-DE-PAU. "As colheres usadas são de pau. A variedade é grande, em feitio e tamanho, destacando-se as de cabo bordado e as de cabo simples. As de cabo bordado ficam sem serventia prática — bonitas demais para serem postas no uso — de onde se origina o ditado: Quem tem tempo faz colher e borda o cabo. Contamos com as de cabo longo, fundas como conchas, usadas para as feijoadas e as de cabo longo, quase chatas, que servem para mexer fundo de panela grande. As pequenas, chatinhas como espátulas, são empregadas nos mingauzinhos, doçinhos em calda ou comidas delicadas. O pau do jenipapeiro é o preferido para a fabricação das colheres de pau. Antes de introduzidas no serviço são postas de molho em água fria e perdem o gosto da madeira. Quando virgens, as colheres de pau têm uma função bem interessante: quando a menina vai se fazendo mulher e os seios prometem ser por demais fartos, bate-se neles com o cabo da colher de pau virgem e o desenvolvimento é interrompido", ensina Hildegardes Vianna — Bahia (68). 2. "Pessoa enxerida", lembra Nestor Diógenes — Pernambuco (69). Abons.: a) Adivinhação: "Uma mulher alta e magra/Do chapéu à Garibaldi;/Não há baile nem banquete/Que não seja convidada", recolhida por Veríssimo de Melo — Rio Grande

do Norte (71); b) "Ai, seu Nicolau/Você quer mingau?/ **Colher de pau, colher de pau...**" Do cancioneiro popular.

COM-QUANTOS-PAUS-SE-FAZ-UMA-CANGALHA (Mostrar, ensinar, dizer, ver). "Castigo. Completo esclarecimento de um fato. Ajuste de contas. Lição de moral. Pleno conhecimento de algo", na opinião de Tomé Cabral — Ceará (4). Abon.: "Quero ver **com quantos paus se faz uma cangalha!**" MONT'ALEGRE, Omer. **Vila de Santa Luzia**. Rio de Janeiro: Editora Vecchi Ltda., 1939.

COM-QUANTOS-PAUS-SE-FAZ-UMA CANOA. Esta expressão popular tem o mesmo significado das últimas duas anteriores, segundo R. Alexandre Passos — Bahia (20). Abons.: a) "Onde já se viu leso, sujeitinho de merda, tá pensando o que, seu desgracento dos Infernos? Pois agora você vai ver **com quantos paus se faz uma canoa**". ÂNGELO, Assis. **O coronel e a borboleta**. São Paulo: Studio F, 1992, p. 84.

COM-QUANTOS-PAUS-SE-FAZ-UMA-JANGADA (Mostrar, ensinar, ver). Expressão popular nordestina que demonstra a veracidade de certas coisas, como elas realmente são. Abon.: "Não descansam quase as jangadas. E até possuem a sua sabedoria. Há uma conhecida frase sentenciosa a seu respeito: Eu lhe mostro **com quantos paus se faz uma jangada**. SETE, Mário. **Anquinhas e bernardas**. Recife: Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes/ Departamento de Assuntos Culturais, 1987, p. 20.

COMIGO,-O-TRUNFO-É-PAU. Expressão popular nordestina que significa a solução do problema na tapa, no cacete, na violência (Pernambuco).

CONHECER-O-PAU-PELA-RAIZ. "Conhecer ou avaliar o caráter de uma pessoa ou seu modo de proceder pela fisionomia ou pelo trato", conforme Tomé Cabral — Ceará (4). Abon.: "**Conheço o pau pela casca**/A muré pala feição/Eu sei, pitando a fumaça/De que madeira é o tição!". MOTTA, Leonardo. **No tempo de Lampião**. Rio de Janeiro: Oficina Industrial Gráfica, 1930, p. 129.

CUNHA-DO-MESMO-PAU-NÃO-APERTA. Provérbio recolhido por Leonardo Motta — Ceará (56). As forças iguais não se atraem, no que diz respeito também às pessoas.

CUTELO-MAU-CORTA-O-DEDO-E-NÃO-O-PAU. Velho rifão dicionarizado por Pedro Chaves — Portugal (65). Livre-se de tudo quando não presta, pessoas, animais e coisas.

D

DAR-NOS-PAUS. "Fugir", dicionariza Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1). Abon.: "O Lucas **dava nos paus** e não havia quem lhe botasse o olho em riba". OLIVEIRA, J. M. Cardoso de. **Dois metros e cinco** (2a ed.). Rio de Janeiro/Paris: Garnier, Livreiro-Editor, 1909, p. 268.

DAR-POR-PAUS-E-POR-PEDRAS. 1. "Praticar desatinos; delirar", "desvairar-se, ficar furioso por qualquer motivo, tomar maneiras desmentadas ou brutas, barafustar", registram Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1) e Guilherme Augusto Simões — Portugal (59); 2. "Andar aos emboleos, sem rumo certo", conforme Horácio de Almeida — Paraíba (29).

DAR-UM-PAU. 1. "Bater, na briga", segundo José de Cusatis — Rio de Janeiro (34); 2. "Fazer um furto rendoso, realizar uma transação excepcionalmente vantajosa", assegura Guilherme Augusto Simões — Portugal (59).

DE-PAU-FEITO. 1. "De caso pensado, por acinte"; 2. "Diz-se da ereção do pênis", conforme registrou Guilherme Augusto Simões — Portugal (59).

DEBAIXO-DE-PAU. À força. Diz-se quando a pessoa é conduzida à prisão apanhando durante o percurso, ou quando um criminoso confessa-se culpado depois de ser espancado: — José confessou haver assassinado Antônio **debaixo de pau** (Nordeste).

DEITAR-OS-PAUZINHOS-DE-FORA. "Ter atrevimento, praticar ousadias, revelar-se", segundo Guilherme Augusto Simões — Portugal (59).

DEIXAR-O-PAU-CORRER-FROUXO. "Não se importar, não ligar importância", consigna F. A. Pereira da Costa — Pernambuco (47).

DESCER-O-PAU. "Espancar", afirma Tomé Cabral — Nordeste, Ceará (4).

DESCOBRIR-O-MEL-DE-PAU. 1. "Diz-se ironicamente de quem julga ter dito algo interessante ou revelado, ou revelado fato interessante. Corresponde a DESCOBRIR-A-PÓLVORA", conforme Leonardo Mota — Ceará (8), F. A. Pereira da Costa — Pernambuco (47) e R. Magalhães Júnior (52); 2. "Ser feliz, deparar-se com qualquer coisa boa", registra Nelson Barbalho — Pernambuco (64).

DESCOBRIR-O-MEL-DE-PAU-ENGARRAFADO. "Não é possível encontro mais afortunado, acaso mais dadivoso, verdadeira oferta da sorte generosa, no conceito de roceiros e lavradores, passando à linguagem urbana do Brasil. A locução complementou-se nas primeiras décadas do século. Até então enunciava-se de outra forma. Beaurepaire-Rohan (**Dicionário de vocábulos brasileiros,** Rio de Janeiro, 1889) registrou: "Mel-de-pau; nome vulgar do mel de abelhas, por isso que a generalidade das abelhas do Brasil faz seus cortiços nas cavidades de árvores. Descobridor-de-mel-de-pau diz-se do indivíduo que depara facilmente com aquilo que deseja: — Tu que és descobridor-de-mel-de-pau, me poderás indicar um protetor para com o Presidente do Conselho". O tempo evidenciou que deparar os favos tal qualmente as abelhas fizeram não constituiria motivo de excepcional louvor. Veio a idéia de descobrir o mel de pau já engarrafado, pronto para o transporte e venda imediata. Produto colhido e aproveitado sem esforço, sem gastos, sem aparelhagem de apresentação. Positivamente feliz é quem encontra mel-de-pau-engarrafado. Já tem acontecido..." — ensina Luís da Câmara Cascudo (96).

DESGOVERNADO-QUE-SÓ-PAU-NA-CHEIA. "Diz-se de quem está confuso, sem governo, sem saber o rumo que tomar", informa Dário Sá Leitão, do Recife.

DEUS-CASTIGA-NEM-C'UM-PAU-NEM-C'UMA-PEDRA. — "Locução muito usada, quando alguém lhe acontece alguma infelicidade", registram Abel Marques Caldeira — Ilha da Madeira (27) e Pedro Chaves — Portugal (65).

DISPUTAR-PAU-A-PAU. "Ação renhida de disputantes ardorosos com forças equilibradas nas equipes", dicionariza Manuel Violti (39)

DOIS-DE-PAUS. "Ser um dois-de-paus é ser um insignificante, um tipo sem nenhuma utilidade ou valia. O dois é uma das cartas mais baixas do baralho", explica R. Magalhães Júnior (52).

DURE-O-QUE-DURAR,-COMO-COLHER-DE-PAU. Velho rifão português recolhido por Pedro Chaves — Portugal (65).

E

É-BOM-NO-PAU. "Cavalo muito resistente nas carreiras, ou galo que, nas rinhas, tem bom ataque de esporões", conforme Manuel Viotti (39).

É-É-UM-PAU. "E é só, e nada mais" em Portugal, dicionarizam Eno Teodoro Wanke e Roldão Simas Filho (28).

É-É-UM-PAU. "E é o que se consegue arranjar", registra Guilherme Augusto Simões — Portugal (59).

É-O-PAU-QUE-MAIS-TEM. "Tudo quanto há em abundância", consigna Manuel Viotti (39).

É-O-PAU-QUE-ROLA. "Em profusão, com freqüência", segundo Tomé Cabral — Ceará (4). Abon.: "Mulher, **é o pau-que-rola**". MARTINS, Fran. **Dois de paus**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1966. p. 148.

É-PAU-PARA-COMER-SABÃO-E-É-PAU-PRA-SABER-QUE-SABÃO-NÃO-SE-COME. "Resposta aos problemas difíceis, complicados, com várias alternativas", informa Dário Sá Leitão, do Recife.

É-PAU-QUE-RONCA. "Coisa freqüente, abundante", de acordo com Tomé Cabral — Ceará (4). Abon.: "Feitiço **é pau-que-ronca** por aí". **LANDIM, Mário. Mãe d'água e caipora.** Fortaleza, 1970, p. 115.

É-UM-PAU-MANDADO. "Diz-se da pessoa que cumpre tudo o que lhe mandam", segundo Guilherme Augusto Simões — Portugal (59).

É-UM-PAU-POR-UM-OLHO. "Que é evidente ou de coisa boa e barata", afirma Gabriel Augusto Simões — Portugal (59).

ERTA-PAU! "Interjeição de alegria, entusiasmo, espanto, admiração", registram Tomé Cabral — Ceará (4), Alexandre Passos — Bahia (20), Rodolfo Garcia — Pernambuco (44) e F. A. Pereira da Costa — Pernambuco (47). Abons.: a) "**Erta-pau!** Olhá!". COELHO, César. **Striptease da cidade**. Fortaleza: Editora Terra do Sol, 1958, p. 65; b) — "**Erta pau!**". ALMEIDA, José Américo de. **A bagaceira** (3a. ed.). Rio de Janeiro: A. J. Castilho Editora, 1928, p. 93; c) "Corre gente pras portas... Erta-pau!" MARIZ, Inês. **A barragem**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1937, p. 119.

EM-ALHEIO-SOUTO,-UM-PAU-OU-OUTRO. Velho rifão português coletado por Pedro Chaves — Portugal (65). Em Portugal, souto é um bosque espesso. Talvez o rifão diga respeito ao nosso CAVALO-DADO-NÃO-SE-ABRE-A-BOCA.

EM-CASA-DE-FERREIRO-ESPETO-DE-PAU. "O mesmo que EN-CASA-DEL-HERRERO-AZADOR-DE-PALO-Y-CUCHILLO-DE-MADERO ou A-BAD-KNIFE-IN-A-CUTLER'S-HOUSE", ensina Leonardo Mota — Ceará (56); "Tem-se o ferro para servir a outrém, não se o tem para si", interpreta Nestor Diógenes — Pernambuco (69). Também em Portugal o provérbio é conhecido, recolhido que foi por Pedro Chaves — Portugal (65).

EM-PAU-CAÍDO-TODO-MUNDO-FAZ-GRAVETO. Provérbio que nos fala da comodidade, do achar tudo à mão, fácil, de mão beijada, sem muito trabalho.

ENCOSTAR-O-PAU. "Bater, meter lenha", dicionariza F. A. Pereira da Costa — Pernambuco (47).

ENFINCAR-O-PAU. "Meter o pau", registra Tomé Cabral — Ceará (4).

ENGENHO-DE-PAU. "Primitiva fábrica de açúcar, também chamada fábrica-de-eixo, na qual se usava, para

esmagar as canas, dois eixos de madeira, dispostos um sobre o outro e acionados por uma roda movida por balandeira, em complicada engrenagem que fazia girar todas as carretas, inclusive os dois eixos moedores das canas. Era uma gangorra movimentada por homens, inicialmente, e, depois, sob o impulso de uma roda d'água, disso surgindo os engenhos d'água", explica Nelson Barbalho — Pernambuco (64).

ENGOLE-PAU. "Orgão sexual feminino", registra Mário Souto Maior — Nordeste/Pernambuco (5).

ENQUANTO-O-PAU-VAI-E-VEM. "Expressão com idéia de intervalo", conforme Guilherme Augusto Simões — Portugal (59).

ENQUANTO-O-PAU-VAI-E-VEM-FOLGAM-AS-COSTAS. — "Folga, descanso entre duas fases de trabalho", dicionariza Silveira Bueno (7). "Este velho provérbio recomenda as tréguas, contemporizações, recursos dilatórios ou parcelamentos de compromissos onerosos", explica R. Magalhães Júnior (52). O provérbio também é registrado por Leonardo Mota — Ceará (56). Conheço uma complementação do provérbio que passa a ser assim: ENQUANTO - O-PAU-VAI-E-VEM,-FOLGAM-AS-COSTAS-DO-MEU-BEM...

ESCAPAR-PELO-PAU-DO-CANTO. "Escapar, milagrosamente", segundo F. A. Pereira da Costa — Pernambuco (47).

ESCREVEU-NÃO-LEU--O-PAU-COMEU. "Significa ser necessário ter sempre cuidado com tudo que pode reverter em prejuízo próprio, como um castigo; exigência do cumprimento de um acordo ou um castigo por descumprimento de um pacto ou trato", registra José de Cusatis — Rio de Janeiro (34). Esta expressão popular também é corrente no Nordeste.

ESTA - VIDA - NÃO-PASSA-DE-UM-PAU-DE-SEBO-COM-UMA-NOTA-FALSA-NA-PONTA (na extremidade). Diz-se da vida enganosa, cheia de ilusões, conforme a filosofia popular. Veja PAU-DE-SEBO.

ESTAR-A-MEIO-PAU. 1. "Estar a caminho de uma grande bebedeira"; 2. "Ter uma ereção incompleta", conforme Eduardo Nobre — Portugal (18).

ESTAR-A-PAU. "Estar precavido, à espera", segundo Guilherme Augusto Simões — Portugal (59).

ESTAR-COM-A-BEXIGA-DO-POÇO-DO-PAU. Diz-se de quem se encontra sob violenta emoção, com muita raiva, irado (Nordeste).

ESTAR-DE-PAU-FEITO. "Com ereção completa; com apetite em algo", de acordo com Eduardo Nobre — Portugal (18).

ESTAR-MAIS-DURO-DO-QUE-PAU-DE-NOIVO. "Diz-se de quem se encontra duro, sem dinheiro ou qualquer outra coisa que esteja dura de mais", informa Dário Sá Leitão, do Recife.

ESTAR-MAIS-SUJO-DO-QUE-PAU-DE-GALINHEIRO. "Estar com má fama, mau nome, difamado, tido como mau caráter", explica José de Cusatis — Rio de Janeiro (34). Esta expressão também é corrente no Nordeste e acredito que em quase todo o país.

ESTE-PAU-TEM-FORMIGA. "Equivale a tem coisa, tem areia", "dito de desconfiança", registram Manuel Viotti (39) e Leonardo Mota — Ceará (56).

EU-TE-CONHEÇO,-PAU-DE-LARANJEIRA. "Pau de laranjeira é um, que, pelos espinhos, reclama cautela por parte de quem com ele tem contato", explica Nestor Diógenes — Pernambuco (69).

F

FALAR-AO-PAU-DE. "Excitar sexualmente. Despertar entusiasmo em", dicionariza Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1).

FALAR-EM-PAU-DE-JANGADA-QUE-É-PAU-QUE-BOIA. — "Seja logo franco! ou Bem! Isto agora é outra coisa, se entende!", conforme Paulino Santiago — Alagoas (32). Dizer as coisas claramente, sem rodeios, para que todos compreendam.

FALAR-NO-MAU-PREPARAR-O-PAU. "Estar a falar de uma pessoa e esta, inesperadamente, aparece", segundo Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (4), Silveira Bueno (7), F. A. Pereira da Costa — Pernambuco (47), Guilherme Augusto Simões — Portugal (59) e Pedro Chaves — Portugal (65).

FALTA-DE-PAU. 1. Diz-se quando alguém está merecendo um corretivo (Nordeste); 2. "Diz-se quando alguém tem comichão nas costas", registra Abel Marques Caldeira — Ilha da Madeira (24).

FARINHA-DE-PAU. "Farinha de mandioca", consignam Silveira Bueno (7), Horácio de Almeida — Paraíba (29), F. A. Pereira da Costa — Pernambuco (47), Abon.: "O primo João almoçava, conversava, palitava os dentes para depois ir vender sua **farinha-de-pau** em São Gonçalo". CARVALHO, José Cândido de. **Olha para o céu, Frederico!** Rio de Janeiro/São Paulo: Livraria José Olympio Editora/Livraria Civilização Brasileira Editora S. A./Editora Três, 1974, p. 52.

FAZER-CASA-COM-PAU-BICHADO. "Fazer as coisas mal feitas, sem lógica", explica Mário Souto Maior — Pernambuco (41). Abon.: "... agora, o bonito é que os democratas estão se aproximando dos liberais para acabarem com a gente. Nessa confusão toda, sobram apenas os mais duros, que ninguém é bobo de **fazer-casa-com-pau-bichado**". PALMÉRIO, Mário. **Vila dos confins**. São Paulo: Editora Três, 1974, p. 33.

FESTA-DO-PAU-DA-BANDEIRA-DE-S.-ANTÔNIO. "As origens da **Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio** são nebulosas e contraditórias, mas o fato é que entre os dias 2 e 16 de junho, em Barbalha, cerca de duas centenas de mancebos em total algazarra, sobem a descem a serra do Araripe onde nasceu Luiz Gonzaga, o rei do Baião, em busca da maior árvore que possam encontrar, derrubar e arrastar o tronco até a praça central da cidade. A essa altura, todos completamente bêbados, pois no percurso os testeiros são devidamente abastecidos com **água-que-passarinho-não-bebe**, aref, que ninguém é de ferro... Levado o tronco até o centro da cidade, começa então a festança propriamente dita, desenvolvendo-se a crença de que toda mulher solteira que pegar e alisar o tronco, ou seja, o pau da bandeira de Santo Antônio, casa em poucos dias de véu, grinalda, papel passado e tudo mais. Não é à-toa, portanto, que nessa época do ano Barbalha reúne em praça pública o maior número de solteironas de que se tem notícia no Brasil", assegura Assis Ângelo — Nordeste/Paraíba (67).

FICAR-COM-CARA-DE-PAU. "Ficar desapontado", dicionariza Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1).

FICAR-COM-O-PAU-DURO. Ficar, o pênis, em ereção. Abon.: "Vem-me à cabeça a toda hora, uma idéia idiota e absurda. Enrabar o Pinto Calçudo. Cheguei a **ficar-com-o-pau-duro**. Preciso consultar um médico". ANDRADE, Oswald de. **Serafim Ponte Grande**. Rio de Janeiro/São Paulo: Livraria José Olympio Editora/Editora Civilização Brasileira S. A./Editora Três, 1973, p. 135.

FORMIGA-SABE-QUE-PAU-ROI (A). Expressão que o povo usa, baseado na sua filosofia e sabedoria, mostran-

do que as pessoas agem de conformidade com as conveniências, registra Edilberto Trigueiros — Nordeste/Região do São Francisco (33).

FRUTA-DE-PAU-PODRE. "Espécie de cogumelo esférico, pouco mais ou menos do tamanho de um limão, fofo, muito encontrado sobre o solo ou debaixo de paus em decomposição, geralmente em lugares pouco batidos pelo sol, ou sob florestas", explica Saul Martins — Nordeste/Região do São Francisco (45).

FERVER-O-PAU. "Pancadaria", segundo F. A. Pereira da Costa — Pernambuco (47).

G

GANHAR-OS-PAUS. "Fugir", consigna Tomé Cabral — Ceará (4).

GOZAR-COM-O-PAU-DOS-OUTROS. "Usufruir das benesses, sem qualquer esforço pessoal", lembrou Leonardo Dantas Silva.

H

HÁ-PAU-QUE-PASSA-PAU. "Todos encontram alguém que se lhes avantaje", registra Leonardo Mota — Ceará (56).

HAJA-PAU. 1. "Frase para excitar num acalorado batebarbas o rompimento de pancadaria", dicionariza F. A. Pereira da Costa — Pernambuco (47); 2. "O nome é onomatopáico, relacionado com o canto da ave noturna que é assim denominada", explica Fontes Ibiapina — Piauí (66); 3. "Desde 1926, e não antes, apareceu no município de Canguaretama, Rio Grande do Norte, no lugar Maxixe, estendendo a área até Tarumã, em Goianinha, compreendendo todo o vale do Catu, uma voz errante e fantástica, pronunciando distintamente — **Paul Haja pau!**... de maneira clara e de assombrosa precisão vocabular. Não se distingue forma humana, de animal ou ave; apenas a voz atravessa o espaço, espalhando o pavor, gritando a fase de excitação: **Paul Haja pau!**... dizendo as sílabas de maneira prolongada e assustadora. Há vinte anos que os moradores dos dois municípios norte-rio-grandenses e pessoas de outras paragens têm tentado descobrir a origem do grito misterioso. Grupos da capital do Estado e mesmo dos Estados vizinhos têm visitado Maxixe e Tarumã, ouvindo o **Haja Pau**, algumas pessoas caindo desmaiadas, ouvindo a frase típica, inconfundível, descendo sobre elas como um raio, sem que fosse possível ver corpo ou perceber de onde vem a voz sinistra. O **Haja Pau** é um fantasma que está ganhando notoriedade, mas teima em residir e funcionar numa área geográfica limitada", relata Hélio Galvão — Rio Grande do Norte (83).

HOMEM-GRANDE-BESTA-DE-PAU. "Velho ditado português, certamente fundado na observação de que os homens de estatura exagerada não primam pela inteligência", explica R. Magalhães Júnior (52). Pedro Chaves — Portugal (65), também registra o velho rifão.

I

IR-PARA-O-PAU. Apanhar de **cipó-pau**, de cacete, de tabica, de chibata. Abon: "Sou o chefe político daqui, até o dia em que a plebe falar no centro. Comigo é na chibata, trastejou **vai-para-o-pau**". CAMPOS, Maximiano. **Sem lei nem rei**. Rio de Janeiro: Editora O Cruzeiro, 1957, p. 31.

J

JOGADOR-DE-PAU. "Lutador de cacete", dicionariza Tomé Cabral — Ceará (4). Abon.: "Exímios jogadores **de pau,** não raro acabavam, a cacete, as feiras da cidade". PINHEIRO, Irineu. **Juazeiro do Padre Cícero,** p. 17.

JOGAR-COM-PAU-DE-DOIS-BICOS. "Defender ora uma, ora outra de duas idéias opostas, com o fim de agradar às duas partes", segundo Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1), Eduardo Nobre — Portugal (18), Manuel Viotti (89), Guilherme Augusto Simões — Portugal (59) e Pedro Chaves — Portugal (65).

JOGO-DOS-PAUS. "Bolicho" — em Portugal, registram Eno Teodoro Wanke e Roldão Simas Filho (28).

JUNTAR-NO-PAU. Dar em todos (Nordeste). Abon.: "Ele não estava só. Escorei a capangada. **Juntei tudo no pau**". ALMEIDA, José Américo de. **Coiteiros.** IN: TRÊS novelas de José Américo de Almeida. Rio de Janeiro: Editora Leitura S. A./Instituto Nacional do Livro/ Ministério da Educação e Cultura, 1971, p. 84.

L

LAGARTIXA-SABE-EM-QUE-PAU-BATE-A-CABEÇA. Expressão popular que "tem o mesmo sentido analógico de **Boi-sabe-a-cerca-que-fura**", registram Mário Lamenza (54) e Leonardo Mota — Ceará (56).

LASCAR-O-PAU. Falar mal de alguém, de qualquer coisa. O mesmo que meter-o-pau. Abon.: "Completei o ginásio, mas não pude continuar. Leio muito (...) Vou ler seu romance: se não prestar, digo que não presta. — **Lasque o pau!**". BORBA FILHO, Hermilo. **O cavalo da noite**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A., 1968, p. 199.

LEVANTAR-A-PAU. "Erguer do chão las rezes que caem de inanição, quando das secas), por meio de varais passados sob o ventre (Nordeste), dicionariza Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1).

LEVAR-A-PAU-E-CORDA,-A-PULSO,-A-CANELÃO. "Violentamente", registra F. A. Pereira da Costa — Pernambuco (47).

LEVAR-BANDEIRA-A-MEIO-PAU. "Morrer", segundo Mário Souto Maior — Nordeste (53).

LEVAR-PAU. 1. Apanhar, ser surrado a pau, a cacete, a tabica, conforme Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1), Tomé Cabral — Ceará (4) e Manuel Viotti (39); 2. "Ser a mulher sexualmente possuída", explica Mário Souto Maior — Nordeste (5); 3. Ser reprovado nos estabelecimentos de ensino. Abon.: "Álvaro foi para

triste. — **Foram ao pau.** — Como? — Reprovados em primeira época, meu caro. Não sei se irão à segunda, ou se vão fazer artigo noventa e nove". ANDRADE, Carlos Drummond de. **O poder ultrajovem** (2a. ed.). Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1973, p. 117.

LEVAR-TUDO-A-PAU. "Resolver violentamente os problemas sociais", conforme Silveira Bueno (7).

LEVAR-UM-PAU. "Apanhar na briga", segundo José de Cusatis — Rio de Janeiro (34).

LEVAR-UMA-RODA-DE-PAU. "Levar uma surra, tunda", dicionariza Silveira Bueno (7).

LIVRE-DE-PAU-E-VASSOURA. "Livre de despesas, ganho líquido", ensina Guilherme Augusto Simões — Portugal (59).

M

MACACO-NAO-BRIGA COM-O-PAU-ONDE-SOBE. "O marido reconcilia-se com a esposa", registra Leonardo Mota — Ceará (49).

MAIS-VALE-A-FÉ-DO-QUE-O-PAU-DA-BARCA. "Aplicado (o provérbio) a situações nas quais se deve acreditar sem ter prova de serem verdadeiras o de seus efeitos", explica José de Cusatis — Rio de Janeiro (34).

MANEIRO-PAU. "Espécie de dança folclórica, simulando luta a cacete. É praticada por homens, geralmente ao ar livre. O monótono dos participantes acompanha os volteios da dança e a cadência marcada pelo bater dos pequenos cacetes que os dançarinos portam", segundo Tomé Cabral — Nordeste. Ceará (4). Abon.: "No intervalo do jogo do **maneiro-pau**, tocavam as músicas do couro". PINHEIRO, Irineu. **Juazeiro do Padre Cícero**, p. 20. Dança também conhecida com o nome de Mineiro-pau, conforme Luís da Câmara Cascudo (60) e Cássia Frade (61).

MATAR-A-COBRA E MOSTRAR-O-PAU. "Estende-se esta locução no sentido de proceder às claras, tomar uma decisão importante, ou perigosa, aceitando de público a sua inteira responsabilidade", conforme R. Magalhães Júnior (52). Abon.: "Como é sempre bom **matar-a-cobra-e-mostrar-o-pau**, cito logo o caso das **Memórias Sentimentais de João Miramar**, de Oswald de Andrade: um romance miúdo de texto, composto em corpo 12, todo espichado a capricho, com um prefácio e um longo estudo introdutório". CAVALCANTI, Valdemar, **O Jornal**,

Rio de Janeiro, 15 nov., 1964. Horácio de Almeida — Paraíba (29) explica. "Dizer uma coisa e provar o que disse".

MATAR-NO-PAU. Espancar violentamente. Abon.: "Este homem está **me matando no pau**". PIMENTEL, Altimar. **Estórias da boca da noite.** Brasília: Thesaurus editora, 1970, p. 66.

MEL-DE-PAU. "Mel de abelha", registram F. A. Pereira da Costa — Pernambuco (47) e Nelson Barbalho — Pernambuco (64).

METER-A-COLHER-DE-PAU. "Adentar-se onde não se foi chamado", segundo Hildegardes Vianna — Nordeste, Bahia (66).

METER-O-PAU. 1. "Trabalhar com afinco", dicionariza Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1); 2. "Gastar, esbanjar", conforme Tomé Cabral — Ceará (4); 3. "Falar mal de alguém", segundo Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1), F. A. Pereira da Costa — Pernambuco (47), Tomé Cabral — Ceará (4) e Leonardo Mota — Ceará (4). Abons.: a) "Seu Alexandre **meteu-o-pau** no povo da padaria". REGO, José Lins do. **Moleque Ricardo**. Rio de Janeiro "Livraria José Olympio Editora, 1935, p. 187; b) "Logo a conversa escorregou para as coisas da política. **Meti-o-pau** nos poderes. Que governo se aguentaria com uma súcia de malandros que ganhavam para dormir?" CARVALHO, José Cândido de. **Olha para o céu, Frederico!** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora/ Editora Civilização Brasileira S. A./Editora Três, São Paulo, 1974, p. 14; c) "Porque não poupo criminoso. Comigo é na dura sorte; cometeu um crime, **meto-lhe-o-pau**". BORBA FILHO, Hermilo. **O cavalo da noite.** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A., 1968, p. 192; 4. Reprovar nos exames; 5. "Espancar, surrar", dicionariza Horácio de Almeida — Paraíba (29).

METER-SE-EM-PAU. "Apanhar", conforme Leonardo Mota — Ceará (3).

MEXER-COM-OS PAUZINHOS. "Ser, às ocultas, o agente ou causa de certos resultados ou soluções; enredar, intrigar na sombra", segundo Guilherme Augusto Simões — Portugal (59), Raimundo Girão — Ceará (6) e Paulino Santiago — Alagoas (32). Abons.: a) "... apesar da condenação certa, pois os Mouras **mexiam-os-pauzinhos**..." PEIXOTO, Afrânio. **Sinhazinha,** 1929, p. 55; b) "Ele estava **mexendo-os-pauzinhos** para ser nomeado embaixador no Brasil. Mas, na semana passada, o presidente Clinton o nomeou subsecretário para a América Latina". Um grandão para a América Latina. **Veja,** São Paulo, Ano 26, n. 10, 10 mar., 1993, p. 40.

MINEIRO-PAU. "Antiga dança de roda, cantada e ritmada com palmas. Os dançarinos voltam-se para a direita e para a esquerda, com um leve cumprimento ao companheiro deste lado, ou fazendo menção de dar umbigada. Cantam quadrinhas, de qualquer motivo, intercalando cada verso com o estribilho: **Mineiro Pau! Mineiro Pau!** Idêntica na Paraíba. No Ceará, diz-se maneiro pau, bailado de roda, figurantes masculinos, acentuando a nota dominante com o entrechoque de pequenos cacetes, característicos. É coreografia movimentada", ensina Luís da Câmara Cascudo (60). Cáscia Frade (81) mostra, por sua vez, como é o **Mineiro Pau** no interior fluminense. "Dança muito difundida no interior do Estado do Rio de Janeiro, apresenta-se no tempo do carnaval. Denomina-se, às vezes, **maneiro-pau**. É integrada por adultos e crianças dos dois sexos. Às mulheres cabe a manutenção da cantoria, enquanto aos homens compete a execução de complicada coreografia. Cada dançador traz um ou dois bastões de madeira — os paus — e com eles executa, de modo ágil e harmonioso, a marcação dos tempos do compasso musical. O manejo dos bastões, finos e resistentes, com cerca de um metro de comprimento, toma nomes específicos conforme o número e a forma das batidas: batida-de-três, batidas de-quatro, túnel, batida-cruzada, batida no alto, etc. A dança de pares soltos que se defrontam ora em fileiras opostas, ora em círculo único, tem coreografia marcada pela batida dos bastões, sempre em compasso quaternário. Corresponde o tempo forte ao toque da extremi-

dade dos paus no chão e os demais ao tocue no ar dos bastões dos pares dançadores, que se alternam, de compasso a compasso, dando meia volta. O acompanhamento musical é feito com sanfona de oito baixos, bumbo, caixa, triângulo ou ferrinho, chocalho e pandeiro. As músicas, na forma de solo-choro, têm letras tradicionais ou improvisadas pelo próprio grupo e não obedecem a nenhuma seqüência predeterminada. É característico o refrão: **Mineiro-pau, oh! mineiro-pau!**". Em Pernambuco, F. A. Pereira da Costa (47) registrou, também, a presença do Mineiro-pau.

MOER-NO-PAU. "Espancar barbaramente", registra Tomé Cabral — Ceará (4), que abona: "Que pena não o terem moído-no-pau". BATISTA, Pedro, **Cangaceiros do Nordeste**. João Pessoa: Livraria São Paulo, 1929, p. 110.

MORRER-NO-PAU. "Morrer de tanto levar paulada, cacetada (Nordeste). Abon.: "O cacete vinha comendo/ nas costas do Nicolau/que caiu na porta dele/já mole que só mingau/gritando Ai-ás me acode/se não eu **morro-no-pau**". PACHECO, José. **O depoimento que o matuto deu ao delegado**. Folheto, s/d, p. 2.

MUDAR-DE-PAU-PRA-CACETE. "Expressão empregada em uma conversa quando se quer mudar de assunto", segundo Hugo Moura — Paraíba (36).

MULHER-E-PAU-DE-PORTEIRA-EM-TODA-PARTE-SE-ENCONTRA. "É como os sertanejos dissimulam decepções oriundas do desprezo feminino", conforme Leonardo Mota — Ceará (56). Afrânio Peixoto — Bahia (55) também encontrou esta expressão popular na Bahia.

MUNHECA-DE-PAU. Diz-se do motorista inábil, ruim de serviço. Expressão popular — acredito — usada em quase todo o país.

N

NÃO-HÁ-CUNHA-MELHOR-DO-QUE-A-DO-PRÓPRIO-PAU. Velho rifão português recolhido por Pedro Chaves — Portugal (65).

NÃO-TER-NEM-UM-PAU-PRA-DAR-NUM-GATO. Estado de "pobreza extrema", registra Mauro Mota — Pernambuco (37).

NEM-A-PAU. "Nem à força", segundo Tomé Cabral — Ceará (4). De maneira nenhuma. Nem que chova canivete.

NEM-TODO-PAU-DA-ESTEIO. Ninguém pode generalizar nada, expressão recolhida por Leonardo Mota — Ceará (56).

NO-GIRO-DO-PAU-DA-VENTA. A vontade, em frente, na direção do próprio nariz (Nordeste/Pernambuco).

O

O-BURRO-E-A-MULHER-A-PAU SE-QUER. Rifão português recolhido por Pedro Chaves — Portugal (65). Velho provérbio que diz respeito à mulher e ao burro, que só trabalham bem, ou só vivem bem quando apanham. Isso acontecia nos tempos de antigamente.

O-PAU-CANTOU. Expressão popular usada para designar luta, sururu, briga, segundo Florival Seraine — Ceará (2) e Joel Pontes — Pernambuco (61). Abons.: a) "O delegado de polícia, um bacharel gordo e de bigodes fornidos, ia Spinoza, tomava a boa pinga de Januária e não gostava de amolações; se as amolações apareciam, chamava o comandante do destacamento e mandava rachar a lenha. Com o **pau-cantando,** ele voltava ao seu Spinoza". ANDRADE, Carlos Drummond de. **Contos de aprendiz**. Rio de Janeiro/São Paulo: Livraria José Olympio/Editora/Editora Civilização Brasileira S. A./Editora Três, 1973, p. 14; b) "... um convite ao bom divertimento ao som de zabumba e de outros instrumentos mais ou menos rústicos. Deu forrobodó, quer dizer, **o-pau-cantou** no lombo de alguém". ANGELO, Assis. **O coronel e a borboleta**. São Paulo: Studio F, 1992, p. 69.

O-PAU-CANTOU-NA-CASA-DE-NOCA. "Diz-se quando há muita confusão, muito pau, em qualquer reunião pública" — informa Dário Sá Leitão, do Recife.

O-PAU-COMEU-NO-CENTRO. Diz-se quando a briga é muito grande, envolvendo muitas pessoas que lutam a socos e pancadas. Abon.: "Pois eu vi perfeitamente/ quando todo o rolo entrou/**o-pau-comia-no-centro**/quan-

do um cabra me pegou/devido aquele sujeito/minha mulher não gostou". PACHECO, José. **O depoimento que o matuto deu ao delegado**. Folheto, s/d., p. 5.

O-PAU-COMEU-SOLTO. Diz-se quando alguém sofre uma agressão. Apon.: "Deu no **Newsweek**. **O pau comeu solto** na Casa Branca. Um agente de segurança testemunhou uma briga de Hillary e Bill Clinton. Começou com um bate-boca e terminou com um arremesso por ela de um abajur e livros na direção do marido". ZÓZIMO, **Diário de Pernambuco**, Recife, 31.3.1993.

O - PAU - ENTORTA-NAS-COSTAS-DO-RICO-E-QUEBRA-NAS-TRAZEIRAS-DO-POBRE. O folclorista Leonardo Mota — Ceará (49), registra esta expressão popular assim: O-PAU-ENTORTA-NO-CU-DO-RICO-E-QUEBRA-NO-DO-POBRE, explicando, assim, "as desvantagens de quem é pobre".

O - PAU-MAIS-FORTE-NÃO-É-O-QUE-DÁ-A-CASCA-MAIS-DEPRESSA. Rifão português recolhido por Pedro Chaves — Portugal (65).

O-PAU-SE-QUEBRA-DO-LADO-DO-MAIS-FRACO. Expressão popular que explica a sorte dos pequenos, registra Nestor Diógenes — Pernambuco (69).

O-PAU-QUEBROU. "Na gíria dos garimpeiros de Patrocínio Paulista (SP) esta locução anuncia que a comida está pronta", segundo Marina de Andrade Marconi — São Paulo (78).

O-PAU-RONCOU. "Houve pancadaria", conforme Florival Seraine — Ceará (2) e Manuel Viotti (39).

O-PAU-SE-CONHECE-PELA-CASCA. O homem se conhece por seu comportamento, por suas ações por suas maneiras, registra Leonardo Mota — Ceará (56).

O - PAU - SÓ-SE-QUEBRA-NAS-COSTAS-DOS-MAIS-FRACOS. Muitas vezes os pobres são castigados e os ricos, não [Nordeste].

O-PERIGO-QUE-CORRE-O-PAU-CORRE-O-MACHADO. — "Perigo mútuo, recíproco", explica F. A. Pereira da Costa — Pernambuco (47).

O - QUE-HÁ-MAIS-NESTE-MUNDO-É-PAU-TORTO-E GENTE-BESTA. "Corresponde ao **stultorum est numerus infinitus**", consigna Leonardo Mota — Ceará (8).

O-RAIO-NÃO-CAI-EM-PAU-DEITADO. Velho rifão português recolhido por Pedro Chaves — Portugal (65). Talvez seja mais ou menos equivalente ao nosso QUANTO-MAIOR-O-PAU-MAIOR-A QUEDA. Os poderosos, os ricos são sempre os mais visados.

O-TRUNFO-É-PAU. Expressão popular significando "bordoada, pancadaria", ensina F. A. Pereira da Costa — Pernambuco (47).

OCO-DO PAU. Cavidades existentes nas árvores onde os pássaros sempre procuram fazer seus ninhos. Abon.: "Procurava se ninho de papagaio no **oco-do-pau**. Os mais falacores · · garantiam — eram os de imburana e aroeira". ALMEIDA, José Américo de. **Memórias — antes que me esqueça**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1976, p. 46.

ORELHA-DE-PAU. 1. "Cogumelo com forma de orelha que nasce no tronco das árvores", dicionarizam Horácio de Almeida — Paraíba (29) e Rodolfo Garcia — Pernambuco (44); 2. "Bolinhos pernambucanos", segundo Mário Souto Maior — Pernambuco (43). Acrescenta George de Queiroz Gaudêncio — Paraíba (80): "Bolo de milho temperado com erva-doce e canela".

OS - PAUS,-UNS-NASCEM-PARA-SANTOS,-OUTROS-PARA-TAMANCOS. Cada um cumprindo seu destino, cada qual com sua sorte (Nordeste).

P

PÃO-NUMA-MÃO-E-PAU-NA-OUTRA. Rifão recolhido por Pedro Chaves — Portugal (65). O pai dá o pão mas tem, também, o direito de corrigir os filhos quando erram.

PARA-PASSAR-OS-DIAS-MAUS-DAS-PENAS-EM-QUE-VIVO,-PAUS-DIGO! "Frase do jogador à saída de uma carta de paus, como trunfo ou numa puxada", registra F. A. Pereira da Costa — Pernambuco (47).

PASSAR-PELO-PAU-DO-CANTO. "Obter a nota mais baixa em exame ou concurso", segundo Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1) e Paulino Santiago — Alagoas (32).

PASSAR-O-PAU. "Ter relações sexuais", conforme Edson Carneiro — Bahia (3) e Mário Souto Maior — Pernambuco (5).

PAU. 1. "Qualquer pedaço de madeira (lasca haste, madeira, tábua, etc.); 2. Qualquer madeira: perna-de-pau, colher-de-pau; 3. Cacete, bastão, cajado; 4 Castigo corporal, pancada, surra; 5 Ripa, vara, vareta; 6. Viga, trave; 7. Chifre, corno; 8. Mastro, haste: pau-da-bandeira; 9. Qualquer pedaço de substância sólida semelhante a um pau: pau-de-baunilha, canela-em-pau; 10. Reprovação em exame; bomba, levou pau em matemática; 11. Qualquer árvore; 12. Designação genérica de cortas vergôntcas e hastes que não fazem parte da mastreação; 13. Serviço de quarto ou de dia: estar-de-pau das oito ao meio-dia; 14. Cruzado ou escudo. — Paguei vinte paus

por este livro; O pênis; 16. Roto; 17. Macante: pessoa pau; 18. Embaraçoso, incomodativo: — É muito **pau** despedir um empregado. Abons.: a) "O defeito talvez único do pobre Manta, era o de ser **pau**". VAREJÃO, Lucilo. **Visitação do amor** (3a. ed.). **IN:** VAREJÃO, Lucilo. **Romances recifenses**. Recife: Secretaria da Educação e Cultura/Conselho Municipal de Cultura/Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1992, p. 136; b) "Você nasceu para ser burro. — Compare-me a um jumento. — Por causa do **pau**? — Por causa da paciência". BORBA FILHO, Hermilo. **O cavalo da noite**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A., 1967, p. 53; c) "Como era boa aquela sensação de abandono! A vida é que era **pau**; ter que levantar-se, tomar banho, descobrir um penteado diferente. Seria muito melhor se pudesse ficar mais umas duas horas deitada, imóvel, só". SOUTO MAIOR, Mário. **Sete estórias sem rel**. Recife: Grumete Serviços Editoriais, 1994, p. 49; d) "Quem morreu foi o Britinho, como um passarinho na estrada emboscada do sertão refugiante por detrás do **pau**". ANDRADE, Oswald de. **Memórias sentimentais de João Miramar**. Rio de Janeiro/São Paulo: Livraria José Olympio Editora/ Editora Civilização Brasileira S. A./Editora Três, 1973, p. 98. dicionarizam Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1), Ariel Tacla (surra) — Rio de Janeiro (27), Horácio de Almeida (surra) — Paraíba (29), Leonardo Mota (macante) — Ceará (42). José da Cusatis (briga, pancadaria) — Rio de Janeiro (34), José Inácio Filho (qualquer árvore que não se sabe o nome; coisa irritante, cacete) — Acre (25), Florival Seraine (órgão sexual masculino) — Ceará (2), Edson Carneiro (idem) — Bahia (3), Tomé Cabral (idem), Mário Souto Maior (idem) — Pernambuco (5), Eduardo Nobre (idem) — Portugal (18) e Manuel Viotti (idem) (39). Abons.: a) "Cheguei a ficar de **pau duro**". ANDRADE, Oswald de. **Memórias sentimentais de João Miramar**. Rio de Janeiro/São Paulo: Livraria José Olympio Editora/Editora Civilização Brasileira S. A./ Editora Três, 1973, p. 135; b) "Você não vai precisar do meu **pau**". CONY, Carlos Heitor. **Pilatos**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A., 1974, p. 73; c) "Só se eu cortar o **pau**". AMADO, Jorge. **Tenda dos milagres**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1969, p.

40. 19, "Pessoa muito magra: — O Evaristo parece um **pau**", explica Abel Marques Caldeira — Ilha da Madeira (24); 20. "Asneira, tolice, pênis; o mesmo que "mais nada/toma lá isto e é **um pau**; sorte; **bom**, felicidade", conforme Guilherme Augusto Simões — Portugal (59).

PAU-A-PAU. 1. "Em pé de igualdade; **taco a taco**", dicionarizam Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1), Florival Seraine — Ceará (2), Tomé Cabral — Ceará (4); 2. "No pau", conforme Horácio de Almeida — Paraíba (29) e José Pontes — Pernambuco (61).

PAU-A-PIQUE. 1. "Parede feita de ripas ou de varas entrecruzadas e barro; taipa; 2. Cerca feita de estelos fortes fincados a uma distância muito pequena uma das outras; **cerca de pau-a-piqué**", registram Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1), Tomé Cabral — Ceará (4), Antônio Cabral — Moçambique (17), Beaurepaire-Rohan — Paraíba (22), José Inácio Filho — Acre (25), Horácio de Almeida — Paraíba (29), Oswaldo Lamartine de Faria/Guilherme de Azevedo — Rio Grande do Norte (31) e Manuel Viotti (39), F. A. Pereira da Costa — Pernambuco (47). Abons : a) "Depois de haver recolhido o gado em currais de **pau-a-pique**..." CARVALHO, José. **O matuto cearense e o caboclo do Pará**. Belém: Oficinas Gráficas do Jornal do Belém, 1930, p. 144; b) "Amanhã você vai fazer uma cerca de **pau-a-pique**". PIMENTEL, Altimar. **Estórias da boca da noite**. Brasília: Thesaurus, 1978. p. 45; 3. "Árvore marcada pelo mateiro para ser derrubada", segundo José Inácio Filho — Acre (25); 4. "**Pênis** em estado de ereção", consigna Guilherme Augusto Simões — Portugal (59). 5. "Quentão", explica Américo Pellegrini Filho — São Paulo (75). Segundo Jamile Jaour — São Paulo (76), "é bebida centenária usada na Festa de Santa Cruz da Aldeia de Carapicuíba (SP). **É feita** assim: Em cinco litros de água, ferver ½ quilo de gengibre socado, 200 gramas de erva-doce, um pouco de noz moscada, uma pitada de cravo moído, 300 gramas de canela em pau. Depois de fervido, adoce até melar e deixe dois dias em infusão. A seguir coe, junte 1 a dois litros de cachaça e leve ao fogo até abrir fervura. Depois de frio, engarrafe".

PAU-À-TOA. "Designação dada pelos caboclos a plantas cujos nomes ignoram", dicionariza Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1).

PAU-AMARELO. Praia de Olinda, Pernambuco.

PAU-BANANA-DE-PAPAGAIO. "Madeira de construção civil", consigna F. A. Pereira da Costa — Pernambuco (47).

PAU-BARBADO. "O pênis", segundo Mário Souto Maior — Pernambuco (5), Manuel Viotti (39), F. A. Pereira da Costa — Pernambuco (47) e Guilherme Augusto Simões — Portugal (59).

PAU-BARBUDO. O mesmo que PAU-BARBADO, conforme Mário Souto Maior — Pernambuco (5).

PAU-BRASIL. 1. "Árvore da família das leguminosas (**caesalpinia e chimata**, de matas mais ou menos secas, e cuja madeira é vermelho-alaranjada e depois vermelho-violácea, pesada, dura, incorruptível; ibirapitanga, arabutã, orabutã, pau-de-pernambuco, pau-pernambuco, pau-de-tinta, pau-rosado, sapão. O nome da nação brasileira provém dele, que era objeto de intenso comércio nos tempos coloniais em virtude do corante vermelho que se extraía do lenho e servia para tingir tecidos e fabricar tinta de escrever. Hoje é árvore rara", registra Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1); 2. "Variedade da poesia modernista, de grupo de São Paulo, inaugurada por Oswald de Andrade com o livro **Pau-Brasil**. Apesar de sua manifesta intenção de inaugurar no Brasil uma poesia de exportação, em substituição à anterior, de importação, o que ele pretendia exaltando o primitivismo e a nossa realidade geográfica, histórica e social, o movimento tinha raízes francesas e assim foi combatido, dando lugar à criação do grupo verdamarelo", explica Afrânio Coutinho (84).

PAU-CANELA. "Madeira de construção civil e naval", segundo F. A. Pereira da Costa — Pernambuco (47).

PAU-COM-FORMIGA. 1. "Coisa difícil, situação embaraçosa", conforme Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1), Horácio de Almeida — Paraíba (29), Paulino Santiago — Alagoas (32), Mauro Mota — Pernambuco (37). Abon · "Elza, isso é **pau-com-formiga**". SOARES, Elza. **Minha vida com Mané**, p. 45; 2. "Negociata, arranjo", consigna F. A. Pereira da Costa — Pernambuco (47). Maracutaia.

PAU-D'ÁGUA. Diz-se de quem é dado ao vício da embriaguês, registram Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1), Tomé Cabral — Ceará (4), Mário Souto Maior — Pernambuco (13), Raimundo Magalhães — Pará (86), Mário de Andrade — São Paulo (87), José Calazans — Bahia (15), Raimundo Girão — Ceará (6), Vicente Sales — Pará (98), Horácio de Almeida — Paraíba (29), Antenor Nascentes — Rio de Janeiro (35), Manuel Viotti (39), Rodolfo Garcia — Pernambuco (44), Saul Martins — Região do São Francisco (45), Nelson Barbalho — Pernambuco (12), José Inácio Filho — Acre (25), L. F. Clerot — Paraíba (57) e F. A. Pereira da Costa — Pernambuco (47). Abonis.: a) "O caixeiro-viajante pilheriou: — Esse cabra é o maior **pau-d'água** que conheço!" CONDÉ, José. **Pensão Rio da Noite**. Rio de Janeiro/São Paulo: Livraria José Olympio Editora/Editora Civilização Brasileira S. A./Editora Três, 1973, p. 166; b) "Quando o pastoril de Palmira começava no quadro principal do povoado, os dois **paus-d'água** pareciam um par de caninanas se disputando". BELO, Júlio. **Memórias de um senhor-de-engenho** (2a. ed.). Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p. 232; c) "A bulicosa frente deles, é inteiramente embriagado o Valadão, decano dos **paus-d'água** da cidade". LIMA, Jorge de. **A mulher obscura**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1939, p. 232; d) "Apareceu um bêbado, começou a me catucar com dichotes. Eu mandei ele pra merda. Um tipo que nada tinha com a história e se meteu a defender o **pau-d'água**". AMADO, Jorge. **Suor** (1a. ed.). Rio de Janeiro, p. 191; e) "Para muitos aquilo era fogo de palha, porque Zé Lourenço fora **pau-d'água** de fazer arruaça e descompor todo mundo". JULIÃO, Francisco. **Cachaça**. Recife: Editora Nordeste, 1951, p. 46.

PAU-D'ARCO. "Espécie de ipê, árvore que dá madeira de lei", registram Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1) e Horácio de Almeida — Paraíba (29). Abon.: "Hoje pela manhã já havia na mata alguns **paus-d'arco** com flores". RAMOS, Graciliano. **São Bernardo** (6a. ed.). Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1955, p. 169. Bom Jardim, cidade do agreste pernambucano, é considerada como a **terra dos paus-d'arco**, devido à quantidade que enfeitam as serras e os restos de matas.

PAU-DA-VENTA. "O septo nasal", dicionariza Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1). O mesmo que PAU-DO-NARIZ.

PAU-DAMEJO ou DANEJO. "Fuzil, rifle", consigna Manuel Viotti (39).

PAU-DE-AGASALHAR-URUBU. Diz-se da "pessoa alta e magra", segundo George de Queiroz Gaudêncio — Paraíba (80).

PAU-DE-AMARRAR-ÉGUA. 1. "Indivíduo que não tem força moral, que não impõe respeito", registram Valdomiro Silveira — São Paulo (19) e Manuel Viotti (39). 2. "Moça importuna que acompanha a que se acha com o namorado", conforme Manuel Viotti (39).

PAU-DE-ANDAIME. "Homem alto", segundo Mário Souto Maior — Pernambuco (11).

PAU-DE-ARARA. 1. "Caminhão ajeitado com bancos e tolda de pano para transporte coletivo, utilizado no transporte dos retirantes do Nordeste que vão em busca dos Estados centrais e do Sul", registra L.F.R. Clerot — Paraíba (57). Abons.: a) "A vida aqui só é ruim/Quando não chove no chão/Mas se chover dá de tudo/Fartura tem de porcão/Tomara que chova logo//Tomara, meu Deus, tomara/Só deixo o meu Ceriri/No último **pau-de-arara**". Baião de Venâncio/Corumba e J. Guimarães, gravado em disco Odeon n.º 14019, 78 RPM, em janeiro de 1956; b) "Quando eu vim do sertão, seu moço/Do meu Bodocó/A mala era um saco/E o cadeado era

um nó/Só trazia a coragem e a cara/Viajando num **pau-de-arara**/Eu penei mas aqui cheguei". Maracatu de G. de Moraes de parceria com Luís Gonzaga, gravado em disco RCA-Victor n.º 000936, 78 RPM, em 12 de maio de 1952, na interpretação de Luís Gonzaga; c) "As mulheres preparavam sacos com farofa para os filhos e os maridos comerem na viagem e as crianças corriam atrás do **pau-de-arara** para dar adeus aos pais". Farra de retirantes. **Veja**, São Paulo, ano 26, n.º 6, 10 fev., 1993; d) "E lá ia Zé de Nana trepado no barulhento **pau-de-arara** que gemia, cansado, a cada subida de ladeira". ÂNGELO, Assis. **O coronel e a borboleta**. São Paulo: Studio F, 1992, p. 78; 2. "Retirantes que viajam num desses veículos", explicam Horácio de Almeida — Paraíba (29), Paulino Santiago — Alagoas (32), Mauro Mota — Pernambuco (37) e Manuel Viotti (39). Abon.: "A merda mesmo, seu fedorento, num sujeito como eu bem podia, novamente, bater em portas à caça de um emprego, diziam que naquela cidade quem tivesse disposição para trabalhar sempre encontraria uma latrina para limpar, gordura de pratos a remover, bundas a enxugar, **pau-de-arara** eu era..." BORBA FILHO, Hermilo. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A., 1966, p. 2; 3. "Instrumento de tortura policial, "uma barra de ferro que é atravessada entre os punhos amarrados e a dobra do joelho, sendo o "conjunto" colocado entre duas mesas, ficando o corpo do torturado pendurado acerca de 20 a 30 cm. do solo", conforme depoimento de Augusto César Sales Galvão, estudante, 21 anos, Belo Horizonte. Transcrito em **Brasil: nunca mais** (10a. ed.). Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 1985, p. 34. Abon.: "Ali, submeteram-no a várias torturas, inclusive choque elétrico, **pau-de-arara** e mergulhos num tanque d'água, de cabeça para baixo, as mãos e os pés amarrados — de instante a instante". CAVALCANTI, Paulo. **O caso eu conto como o caso foi** (2.º vol.), Recife: Editora Guararapes Ltda., 1980, p. 45.

PAU-DE-ARRASTO. 1. "Tora de madeira pesada, amarrada à cauda do animal, a fim de impedi-lo de afastar-se para longe; 2. Pessoa lerda, que dança pesadamen-

te; 3. Cavalo mau corredor", dicionariza Manuel Viotti (39).

PAU-DE-BANDEIRA. "Mastro onde se arvoram bandeiras em arraiais, casas particulares, edifícios públicos ou militares", consigna Abe' Marques Caldeira — Ilha da Madeira (24). Também corrente no Brasil.

PAU-DE-BICO. "Re'ho", registra Manuel Viotti (39).

PAU-DE-BOJARRONA. "Nariz", segundo Guilherme Augusto Simões — Portugal (59).

PAU-DE-BOSTA. 1. "Briga, confusão; 2. Coisa ruim de se fazer", conforme Nivaldo Lariú — Bahia (8).

PAU-DE-BUGRE. "Arvore da familia das anacardiáceas (Lithraea brasiliensis), muito comum nas matas e campos do Paraná e Rio Grande do Sul", consigna Vasco José Taborda Ribas — Paraná/Rio Grande do Sul (51).

PAU-DE-CABELEIRA. "Alcoviteiro, padrinho de namorados, proxeneta. Numa sessão de 1839 no Senado do Império, o padre José Martiniano de Alencar ,do Ceará, declamou: é necessário que o Senado não sirva de pau-de-cabeleira. O pau-de-cabeleira era uma armação de madeira, haste com extremidade em globo, craniforme. Enfiava-se a peruca para guardar ou pentear. Em certa distância semelhava um vulto humano. Falsa sentinela, guarda fingido. O pau apenas mantinha a cabeleira sem o seu portador natural. Era um espantalho benéfico", registra Luís da Câmara Cascudo (30). Também consignaram a locução Guilherme Augusto Simões — Portugal (59), Silveira Bueno (7), Horácio de Almeida — Paraíba (29), Eduardo Nobre — Portugal (79), Alexandre Passos — Bahia (20). Acrescenta, ainda, Silveira Bueno (7): "A significação primitiva era de todo lescenina: o membro viril".

PAU-DE-CANGALHA. "Armação de madeira usada para fazer cangalha", consigna George de Queiroz Gaudêncio — Paraíba (80).

PAU-DE-CARGA. "Forte vergôntea de madeira ou tubo de aço, com uma das extremidades apoiadas ao pé de um mastro ou de uma coluna e a outra agüentada por amantilhos, constituindo, assim, um aparelho de força para suspender grandes pesos", dicionariza Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1).

PAU-DE-CARROÇO. Madeira de lei. Abon.: "Num cotovelo da estrada aviseram o comandante dos meganhas que Barreto era madeira de lei, **pau-de-carroço**". CARVALHO, José Cândido de. **Olha para o céu, Frederico!** Rio de Janeiro/São Paulo: Livraria José Olympio Editora/Editora Civilização Brasileira S. A./Editora Três, 1974, p. 73.

PAU-DE-CAVALO. Diz-se do "homem que tem o pênis avantajado", superdotado, consigna Mário Souto Maior — Pernambuco (5). Abon.: "Você conhece o John Holmes, aquele americano que faz filmes pornôs? Dizem que ele é o maior **pau-de-cavalo** do mundo. Trinta e dois centímetros . . . — Delícia — interrompeu Ligia. SAMPAIO, Adovaldo Fernandes. **Lúcia, Ligia e Livia**. IN: ANTOLOGIA de contos eróticos. Rio de Janeiro: Eroticom, 1977, p. 122.

PAU-DE-CERA-É-BARANDÃO. "Resposta à frase: pode ser, dúbia, indecisa, a um projeto qualquer", registra F. A. Pereira da Costa — Pernambuco (47).

PAU-DE-CERA-É-UMA-VELA. "Resposta que se recebe quando se pergunta se pode ser", dicionariza Guilherme Augusto Simões — Portugal (58).

PAU-DE-CHOCOLATE. "Diz-se do indivíduo preto ou mulato", expressão corrente em Portugal, segundo Guilherme Augusto Simões — Portugal (58).

PAU-DE-CHORO. Denominação dada à "cana de açúcar", conforme F. A. Pereira da Costa — Pernambuco (47).

PAU-DE-DAR-EM-DOIDO. "Valentão, madeira-de-dar-em-doido", registra Horácio de Almeida — Paraíba (28).

PAU-DE-DOIS-BICOS. "Individuo de duas caras, que acende uma vela a Deus e outra ao Diabo", de acordo com Horácio de Almeida — Paraíba (29) e Guilherme Augusto Simões — Portugal (59).

PAU-DE-ERVA. Denominação também dada ao "pé de mate", conforme Manuel Viotti (39).

PAU-DE-FIO. "Pessoa magra e alta", registram Eduardo Nobre — Portugal (18) e Guilherme Augusto Simões — Portugal (59).

PAU-DE-FITA. "Portugueses e espanhóis trouxeram o folguedo para o continente americano", explica Luís da Câmara Cascudo (60). E Tomé Cabral — Ceará (4) diz que se trata de uma "Dança folclórica, em torno de um mastro, em cujo topo estão presas longas fitas de cores variadas, correspondentes ao número de dançarinos. Estes sustêm a outra extremidade da fita e dançam, revezando-se, em torno do mastro, fazendo assim que as fitas fiquem trançadas no mesmo. Completam a dança, destrançando a trança, volutcando inversamente". Barbosa Lessa e Paixão Cortes (77), estudaram, mais detalhadamente, a dança do pau-de-fita no Rio Grande do Sul.

PAU-DE-FOGO. Qualquer arma de fogo, principalmente as de cano longo como espingardas, bacamartes, rifles, fuzis, conforme o registro de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1), Florival Seraine — Ceará (2), Tomé Cabral — Ceará (4), Alexandre Passos — Bahia (20), José Inácio Filho — Acre (25), Horácio de Almeida — Paraíba (29), Paulino Santiago — Alagoas (32), Manuel Viotti (39), Euclides Carneiro da Silva — Rio de Janeiro (46) e George de Queiroz Gaudêncio — Paraíba (60). Abona: "... gritou o luso, os olhos imensos, já com o enorme **pau-de-fogo** na destra". D'ÉLIA, Antônio. **Os pistoleiros de Pistoia**, p. 33.

PAU-DE-FUMAÇA. "Arma de fogo", dicionarizam Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1), Florival Seraine — Ceará (2) e Leonardo Mota — Ceará (8,42). Abona: "Mato por conta dos outros. Aí, a culpa não é minha. Não

tem preço. Se puder, paga bem; se não, é o custo da bala. Eu, com o meu **pau-de-fumaça**..." ALMEIDA, José Américo de. **Coiteiros**. IN: TRÊS novelas de José Américo de Almeida. Rio de Janeiro: Editora Leitura S. A./Instituto Nacional do Livro, MEC, 1971, p. 93

PAU-DE-FUMO. 1. "Cacete usado pelos capadócios", segundo Alexandre Passos — Bahia (20); 2. "Madeira em que se enrolava o fumo de corda", explica Manuel Quirino — Bahia (21); 3. "Depreciativo de homem de cor", registram Manuel Viotti (39) e Nelson Barbalho — Pernambuco (64); 4. "Arma de fogo", conforme Manuel Viotti (39) e Nelson Barbalho — Pernambuco (64); 5. "Piauvucu", consignam Maria Francelina e Ibrahim Drummond — Mato Grosso (58); 6. "O pênis", segundo Edson Carneiro — Bahia (31) e Mário Souto Maior — Pernambucano (5). Saul Martins — Região do São Francisco (65) informa que o pau-de-fumo, pau onde se enrolam cordas de fumo na preparação do rolo, é muito indicado para quebrar a pauta de feiticeiros".

PAU-DE-GOIABA. "Carabina militar", conforme Manuel Viotti (39) e Saul Martins — Região do São Francisco (45).

PAU-DE-ÍNDIO. "Trata-se de uma garrafada preparada com cachaça e ervas medicinais que serve para o tratamento de muitos males, e que é vendida nas feiras e mercados do Nordeste", informa Dário Sá Leitão — Recife.

PAU-DE-JABUTI. "Cinco jabutis amarrados a uma vara, como fazem os caçadores para os vender", registra Vicente Chermont — Pará (16).

PAU-DE-JANGADA. "Árvore de que se fazem as conhecidas embarcações de pesca (Apeyba Cymbalanea)", de acordo com Paulino Santiago — Alagoas (32). Rodolfo Garcia — Pernambuco (44) e L. F. R. Clerot — Paraíba (57).

PAU-DE-LAGARTO. "Abóbora de telu, abortivo", explica Manuel Viotti (39).

PAU-DE-LAMPIÃO. "Alcoviteiro de namorados; pau-de-cabeleira", registra Horácio de Almeida — Paraíba (29). Abon.: "Os noivos eram vigiados, sem um minuto de descuido. Dizia-se montar guarda ou servir de **pau-de-lampião**". ALMEIDA, José Américo de. **Memórias — antes que me esqueça**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1976, p. 113.

PAU-DE-LARANJEIRA. "Homem sem préstimo", conforme Guilherme Augusto Simões — Portugal (59).

PAU-DE-LATA. "Sujeito intrometido (As latas de querosene, óleo, gorduras, etc., aproveitadas para a condução de líquidos ou para outros misteres, traziam um pedaço de madeira atravessado na boca. Daí nasceu a origem do apodo), conforme Tomé Cabral — Ceará (4). Dário Sá Leitão — do Recife, lembrou a expressão popular muito usada no Nordeste: — É mais atravessado do que pau de lata.

PAU-DE-LEI. "Madeira de construção; nogueira, braúna (ou baraúna), cedro, peroba, etc.", segundo Manuel Viotti (39). O mesmo que MADEIRA-DE-LEI.

PAU-DE-LUME. "Fósforo", explica Abel Marques Caldeira — Ilha da Madeira (24).

PAU-DE-MACAXEIRA. "A maniva", diz F. A. Pereira da Costa — Pernambuco (47).

PAU-DE-MERDA. "Brincadeira infantil de mau gosto e que consiste no seguinte: mela-se um cacete com merda e, numa roda de meninos, simula-se uma briga. Um dos brincantes pega o cacete na extremidade limpa e ameaça espancar outro menino que não sabe da brincadeira. Para se defender, esse outro menino procura tomar o cacete de seu suposto agressor, sujando a mão", explica Dário Sá Leitão — do Recife.

PAU-DE-MIJAR. "O pênis", registra Mário Souto Maior — Pernambuco (5).

PAU-DE-MOCHIBA. "O pauzinho ou arreador, também chamado pau-de mochiba ou pau-de-nagô, tinha mais ou menos oito centímetros de comprimento por um de diâmetro. Era descascado, entre verde e amarelo, numa coloração indefinida. Quando novinho, comprado e logo usado, possuía um sabor adocicado. Uma das suas extremidades era bem mastigada por quem tinha bons dentes ou esfacheado com o auxílio de uma faca. Tomava um aspecto semelhante à canela de ema utilizada pelos pedreiros na caiação. Aquela vassourinha improvisada era atritada contra a superfície dos dentes, num movimento nervoso de vai e vem, em ritmo quase galopante", registra Hildegardes Vianna — Bahia (79). Era assim que se escovavam os dentes na Bahia, há não se sabe quantos anos.

PAU-DE-NAGÔ. Veja PAU-DE-MOCHIBA, verbete anterior.

PAU-DE-RESPOSTA. "Raiz de certa planta silvestre que se deixa de infusão na cachaça; específico para combater a impotência sexual", ensina Carvalho Deda — Sergipe (48).

PAU-DE-SEBO. "Mastro untado de sebo, no alto do qual se põe um prêmio em dinheiro para quem conseguir encontrá-lo", registram Horácio de Almeida — Paraíba (29), F. A. Pereira da Costa — Pernambuco (47), Guilherme Augusto Simões — Portugal (59), Raimundo Nonato — Ceará (70) e Américo Pellegrini Filho — São Paulo (75). Abon.: "Todas as manhãs, na ânsia de descobrir portos, ilhas e continentes, o ativo secretário resgatado pelo ouro de Serafim, trepa no pau-de-sebo da proa e espia improficuamente os horizontes universais". ANDRADE, Oswald de, **Serafim Ponte Grande**. Rio de Janeiro/São Paulo: Livraria José Olympio Editora/Editora Civilização Brasileira S. A./Editora Três, 1973, p. 171; 2. "Homem alto", segundo Mário Souto Maior — Pernambuco (11); 3. "O pênis", conforme Mário Souto Maior — Pernambuco (5). A filosofia popular diz que "a vida é um pau-de-sebo com uma nota falsa na ponta".

PAU-DE-SEBO-É UMA-VELA. "Replica-se a quem diz **pode ser**", segundo Leonardo Mota — Ceará (56).

PAU-DE-SURRIOLA. "Cada um dos paus que, com o navio ancorado ou amarrado à bóia, se dispõem perpendicularmente ao costado, para nelos se amarrarem as embarcações miúdas", dicionariza Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1). Abon.: "Lampejam sinais, icam-se as escadas dos portalós, prolongam-se os **paus-de-surriola**, escapam-se das chaminés nuvens de vapor". CASTRO, Eugênio de. **Terra à vista**. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio, 1920, p. 7.

PAU-DE-URUBU. 1. "Aguardente ordinária, falsificada", conforme Nelson Barbalho — Pernambuco (12); 2. "Cachaça fabricada às escondidas de fiscalização", consigna Eduardo Campos — Ceará (14).

PAU-DE-VASSOURA. Diz da "mulher muito magra", explica Guilherme Augusto Simões — Portugal (59).

PAU-DE VIOLA. "Embusteiro, mistificador", registra Manuel Viotti (39).

PAU-DE-VIRAR-TRIPA. 1. "No Nordeste do Brasil servia essa expressão para designar os indivíduos excessivamente altos e excessivamente magros. As tripeiras, para limpar as tripas dos bois, viram as mesmas pelo avesso com varas compridas e finas", explica R. Magalhães Júnior (52). E Florival Seraine — Ceará (2), J. B. Serra e Gurgel (10), Mário Souto Maior — Pernambuco (11), Eduardo Nobre — Portugal (18), Horácio de Almeida — Paraíba (29), José de Cusatis — Rio de Janeiro (34), Antenor Nascentes — Rio de Janeiro (35), Manuel Viotti (39), Paulino Santiago — Alagoas (32) e Guilherme Augusto Simões — Portugal (59), também registram a expressão, com o mesmo significado; 2. "Moça magra e saída", acrescenta Hildegardes Vianna — Bahia (58), feminilizando a expressão usada em relação às moças saídas, sapecas.

PAU-DENTRO. "Cachaça com entrecasco de aroeira, jucá, etc., muito usada no Nordeste, onde a branquinha

se associa a plantas e raízes na medicina empírica", segundo Mário Souto Maior — Pernambuco (13).

PAU-DO-AR. "Chifre, corno", conforme Guilherme Augusto Simões — Portugal (59)

PAU-DO-CATARRO. "O septo nasal", segundo Edilberto Trigueiros — Minas Gerais (33).

PAU-DO-NARIZ. "O septo nasal; pau-da-venta", no dizer de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1) e Horácio Almeida — Paraíba (29).

PAU-DURO. 1. "Pessoa mal educada", consigna J. B. Serra e Gurgel (10); 2. "Garrafada de cachaça com raízes, inclusive de catuaba, destinada aos que sofrem de impotência sexual, vendida nas feiras e mercados do Nordeste" — informa Dário Sá Leitão, do Recife.

PAU-E-CORDA. 1. "Pequeno conjunto musical, não integrado por instrumento de sopro", explica Tomé Cabral — Ceará (4). Abon.: "Era um terno de **pau-e-corda**". ALMEIDA, José Américo de. **A bagaceira** (3a. ed.). Rio de Janeiro: A. J. Castilho Editora, 1928, p. 129; 2. "Método de carregar no qual a carga é colocada presa a duas cordas penduradas das extremidades de um pau horizontal que o carregador leva nos ombros e no pescoço", consignam Tomé Cabral — Ceará (4) e Eno Teodoro Wanke/Roldão Simas Filho — em Portugal (28).

PAU-FERRADO. "Espécie de azougue", conforme L. F. Tollenare (62).

PAU-FERRO. 1. "Mulher nova, de carnação dura", segundo Manuel Viotti (39); 2. "Cacete grosso, forte", registra F. A. Pereira da Costa — Pernambuco (47). 3. "Aguardente", conforme Nelson Barbalho — Pernambuco (12).

PAU-FURADO. "Espingarda", dicionarizam Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1), Florival Seraine — Ceará (2), Tomé Cabral — Ceará (4), Leonardo Mota — Ceará

(8), Felisbelo da Silva — Rio de Janeiro (23), Horácio de Almeida — Paraíba (29) e Manuel Viotti (39). Abons.: a) "Está convidando a gente ora pegar no **pau-furado**". OLIVEIRA, D. Martins de. **Os romeiros**. Rio de Janeiro: Ed. Século XX, 1942. p. 33; b) "Vai pegar no **pau-furado**". AMADO, Jorge. **Terra do sem fim** (8a. ed.). São Paulo. Livraria Martins Editora, p. 159.

PAU-GRANDE. Cidade mineira onde nasceu o grande jogador de futebol Garrincha — informa Dário Sá Leitão, do Recife.

PAU-MANDADO. "Pessoa subserviente, que faz tudo quanto lhe mandem", dicionarizam Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1), Eduardo Nobre — Portugal (18), Horácio de Almeida — Paraíba (29), R. Magalhães Júnior (52) e Guilherme Augusto Simões — Portugal (59). Abons.: a) "O marido gostou da minha atitude, ou acho porque é **pau-mandado**, ficou amigo e não resgatou". BORBA FILHO, Hermilo. **O cavalo da noite**. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira S. A., 1968, p. 173; b) "Vinham o juiz, o Taguató, dois **paus-mandados** fingindo de fiscais, um cabo de polícia e quatro praças". PROENÇA, M. Cavalcanti. **Manuscrito holandês ou a peleja do caboclo Mitavi com o monstro Macobeba**. Rio de Janeiro: Antunes & Cia. Ltda., 1959, p. 141.

PAU-MOLE. Diz-se de quem sofre de impotência sexual, registra Mário Souto Maior — Pernambuco (5).

PAU-NA-ÉGUA. "Trata-se de expressão que indica rapidez, agilidade", segundo Cecílio Elias Neto — São Paulo (26).

PAU-NA-MÁQUINA. "Vamos em frente", conforme J. G. Serra e Gurgel (10).

PAU-NA-MULA. Veja PAU-NA-ÉGUA.

PAU-NO-BURRO. "Eufemismo de cachaça", consigna Luís Almeida — Bahia (50).

PAU-NOS-GALHOS. "Temperamento irritável, multiplicando as dificuldades encontradas pela impaciência em resolvê-las. A frase identifica o efeito com a causa. Os romanos assinalavam os touros agressivos prendendo-lhes um pouco de feno, capim, galho seco, a um dos cornos. Vendo esse sinal, deviam afastar-se do animal bravio. **Habet foenum in cornu, fugel** Tem feno no chifre, fuja! É a origem do contemporâneo Pau-nos-galhos", ensina Luís da Câmara Cascudo (30).

PAU-ÔCO. "Cabeça vazia, desmiolada: — Aquele ó um pau-ôco!, explica José Inácio Filho — Acre (25).

PAU-PARA-TODA-A-COLHER. "Pessoa que serve para tudo, habilidoso, capaz de todos os trabalhos", afirma Guilherme Augusto Simões — Portugal (59).

PAU-PARA-TODA-OBRA. 1. "Servir para tudo; prestar-se a tudo; 2. Aplicar-se a muitas e diferentes coisas", dicionarizam Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1), Tomé Cabral - Ceará (4), Eduardo Nóbre — Portugal (18), Felisbelo da Silva — Rio de Janeiro (23), Manuel Viotti (39), Guilherme Augusto Simões — Portugal (59), Nestor Diógenes — Pernambuco (69) e George de Queiroz Gaudêncio - Paraíba (80). Abons.: a) "Sem pai nem mãe, corrido da seca, vindo com algum tangerino, quem sabe? A verdade é que num instante o povo ficou gostando dele, respeitador, calado, tímido, **pau-para-toda-obra**". SOUTO MAIOR, Mário. **Sete estórias sem rei**. Recife: Grumete Serviços Editoriais, 1984, p. 57; b) "Em Umbuzeiro, PB, terra do falecido magnata Assis Chateaubriand, um doto (no Nordeste-de-meu-Deus-do-céu, todo doutor é **pau-para-toda-obra**), atendendo humilde senhora, começou..." ÂNGELO, Assis. **O coronel e a borboleta**. São Paulo: Studio F, 1992, p. 106; c) "Justino caiu de alma nova, lavado em água de rosa, sujeito **pau-para-toda-obra** era ele", CARVALHO, José Cândido de. **Olha para o céu, Frederico!** Rio de Janeiro/São Paulo: Livraria José Olympio Editora/Editora Civilização Brasileira S. A./Editora Três, 1974, p. 117; d) "Quando a gente é moço **é pau-para-toda-obra**". ALMEIDA, José

Américo de. **A bagaceira** (3a. ed.). Rio de Janeiro: A. J. Castilho Editora, 1928, p. 17; e) "Era o que por lá se chamava **pau-para-toda-obra**", MACEDO, Nertan. **Lampião**, p. 110.

PAU-PRA-VIRAR. 1. "Muita coisa a realizar e corrigir", conforme Alexandre Passos — Bahia (20); 2. "Dificuldade, grande embaraço, tarefa penosa", segundo Manuel Viotti (39).

PAU-PENCA. "O membro viril do homem", registram Paulino Santiago — Alagoas (32) e F. A. Pereira da Costa — Pernambuco (47).

PAU-PEREIRA. "Árvore Pilatyciamus Regnellii da família Leguminoseal. O cozimento da casca desta árvore é febrífugo. É também contraveneno da cobra cascavel", explica L. F. R. Clerot — Paraíba (57).

PAU-PEREIRO. "Homem forte; corajoso; machão; pra frente", afirma Felisbelo da Silva — Rio de Janeiro (23).

PAU-QUE-CUPIM-NÃO-RÓI. O mesmo que MADEIRA-QUE-CUPIM-NÃO-RÓI. Veja.

PAU-QUE-MUITO-SE-MUDA-NÃO-CRIA-RAIZ. "Quem não tem firmeza e perseverança numa coisa, numa idéia, nada faz, nada consegue", diz F. A. Pereira da Costa — Pernambuco (47).

PAU-QUE-NASCE-TORTO-ATÉ-A-CINZA-É-TORTA. "O homem é sempre como nasceu. Não se acreditava na reeducação", explica Regina Lacerda — Goiás (74).

PAU-QUE-NASCE-TORTO-MORRE-TORTO. "Locução adagiária que indica a dificuldade em se corrigir hábitos de origem", segundo Mário Souto Maior — Pernambuco (85).

PAU - QUE-NASCE-TORTO-TARDE-OU-NUNCA-SE-ENDIREITA. Este provérbio ou locução tem a mesma signifi-

cação do provérbio ou locução anterior e foi coletado por Afrânio Peixoto — Bahia (55).

PAU-RODADO. "Diz-se do indivíduo de fora que chega à cidade", segundo Maria Francelina e Ibrahim Drummond — Mato Grosso (58).

PAU-ROLADO. "Indivíduo sem eira nem beira, na gíria dos garimpeiros de Patrocínio Paulista (SP)", registra Marina de Andrade Marconi — São Paulo (78).

PAU - SECO-NÃO-DA-EMBIRA,-NEM-CORDA-VELHA-DA-NÓ. "Locação adagiária que diz respeito às limitações da velhice", conforme Mário Souto Maior — Pernambuco (85).

PAU-SELADO. "Eufemismo da cachaça na gíria dos estivadores de Aracaju", recolhido por José Calazans — Sergipe (15) e também mencionados por Nelson Barbalho — Pernambuco (12), Mário Souto Maior — Pernambuco (13) e Manuel Viotti (39).

PAU-VESTIDO. "Indivíduo mal vestido, de corpo deselegante, embora bem vestido", diz Antenor Nascentes — Rio de Janeiro (35).

PAUS. "Dinheiro (qualquer moeda: cruzeiro, escudo, etc.)", registram José de Cusatis — Rio de Janeiro (34), Manuel Viotti (39) e Guilherme Augusto Simões — Portugal (59).

PAUZÃO. "Mulher alta, de opulenta carnação, com um conjunto vistoso e excitante, peixão, pedaço-de-mau-caminho", segundo Florival Serrano — Ceará (7) e Raimundo Girão — Ceará (6).

PAUZINHO. Veja PAU-DE-MOCHIBA, conforme Hildegardes Vianna — Bahia (79).

PAUZINHO-DO-MATRIMÔNIO. "O pênis", dicionarizam Mário Souto Maior — Pernambuco (5) e Paulino Santiago — Alagoas (32).

PÉ-DE-PAU. "Qualquer árvore", consignam Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1), Tomé Cabral — Ceará (4), Horácio de Almeida — Paraíba (29), Rodolfo Garcia — Pernambuco (44) e I. F. R. Clerot — Paraíba (57). Abons.: a) "Cada **pé-de-pau** que era um mundo". BEZERRA, João Clímaco. **Não há estrelas no céu**. Rio de Janeiro. Livraria José Olympio Editora, 1948. p. 68; b) "Quem morre onde nasce é **pé-de-pau**". LANDIM, Mário. **Mãe d'água e caipora**. Fortaleza, 1970, p. 127; c) "Paramos à sombra de um **pé-de-pau**" BARROSO, Gustavo. **Alma sertaneja**. p. 157; d) "Vivo nesses sovacos de serra. Já remexi todo esse mato. Não há **pé-de-pau** que eu não tenha corrido em baixo". ALMEIDA, José Américo de. **Coiteiros**. IN: TRÊS novelas de José Américo de Almeida. Rio de Janeiro: Editora Leitura S. A./ Instituto Nacional do Livro/Ministério da Educação e Cultura, 1971, p. 93; e) "Trepei por meu cavalo — que achei — pulei em mau assento, nem sei em que rompe-tempo desatei o cabresto de amarrado em **pé-de-pau**". ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas** (4a ed.). Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1965, p. 18; f) "Ficou lá em cima do pé de angico, bem linheiro. Bateram as onças no pé-de-pau". PIMENTEL, Altimar. **Estórias da boca da noite**. Brasília: Thesaurus, 1976, p. 75.

PEGAR-NO-PAU-FURADO. 1. "Ser sorteado para o exército; 2. Ir lutar em uma guerra", registram Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1) e Nestor Diógenes — Pernambuco (69).

PELA-CASCA-SE-CONHECE-O-PAU. "Dito comum no Norte do Brasil. É o mesmo que dizer que pela parte se conhece o todo ou pelas ações se conhece o homem", segundo R. Magalhães Júnior (52).

PELA-FUMAÇA-SE-CONHECE-O-PAU-DO-TIÇÃO. "Pelas ações se conhece o homem", conforme Mário Lamenza (54) e Leonardo Mota — Ceará (56).

PERNA-DE-PAU. 1. "Nome que dá ao indivíduo coxo, que usa andilha para poder caminhar", registra Abel Mar-

ques Caldeira — Ilha da Madeira (24); 2. "É sinônimo de incompetente, aleijado, incapaz: Diz-se um time perna-de-pau de uma equipe de futebol medíocre; 3. "É o parelheiro que não corre bem e, por extensão, o jóquei que o monta", afirma R. Magalhães Júnior (52); 4. "... pessoa que não tem habilidade, que faz tudo mal feito", dicionariza Silveira Bueno (7); 5. "Brinquedo tradicional, geralmente fabricado pelas próprias crianças. Consiste em duas hastes de madeira que têm, cada uma, um pequeno degrau fixado a uma certa altura, vinte e quarenta centímetros da extremidade inferior. Com os pés apoiados nos degraus e as mãos segurando firmemente na parte superior da perna-de-pau, as crianças andam pelo espaço disponível, procurando equilibrar-se", explica Cáscia Frade — Estado do Rio de Janeiro (81). Abons.: a) "... e apanhando de tudo quanto era de time **perna-de-pau** que havia por aí". VIEIRA, Zsu Zsu. **Última Hora**, Rio de Janeiro, 20, mar., 1979, p. 7, c. 2; b) "Só casou duas filhas, uma com Joca Simonetti, o **perna-de-pau**, um homem que não parava, não achava lugar em casa..." ALMEIDA, José Américo de. **Memórias — antes que me esqueça**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1976, p. 21.

PICA-PAU. 1. "Pássaro a propósito do qual corre uma antiquíssima lenda em Arraial do Cabo, Município de Cabo Frio, aparece na seguinte versão: há nas matas uma árvore encantada, cujas folhas têm o maravilhoso poder de solucionar todos os problemas da pessoa que as possui. Para se conseguir uma folha da árvore encantada é preciso descobrir um ninho de pica-pau, no oco de uma árvore velha, no meio do mato, e ficar-se ali por perto, escondido. Quando ele sai para buscar alimento para os filhotes, deve-se rapidamente fechar o ninho, bem fechado, com pedaços de madeira firmemente pregados e depois esperar com paciência a sua volta. Ele volta, vê o ninho fechado, os filhotes lá dentro, fica desesperado e voa em busca da árvore encantada. Quando volta, traz no bico uma folha. Bate com ela na entrada do ninho: os pedaços de madei-

ra caem no chão, mesmo estando muito bem presos. Então o pica-pau deixa cair a folha, entra no ninho. Esta é a hora de apanhar a folha encantada e guardá-la muito bem guardada: quem a possui acha tudo o que quiser", conforme Cáscia Frade — Estado do Rio de Janeiro (81); 2. "Espingarda fina, antecarga. O mesmo que ligeira, lazarina, espingarda de pessiar", registra Saul Martins — Região do São Francisco (45); 3. "Designa diversas aves da família picidae", segundo Amadeu Amaral — São Paulo (38) e Rodolfo Garcia — Pernambuco (44), João Ribeiro — Rio de Janeiro (72) e Joaquim Ribeiro — Rio de Janeiro (73); 4. "Pedaço de papel dobrado de certo modo, que lhe dá a vaga aparência de um pássaro, e que as crianças, segurando com a mão direita, fazem, por meio de pequenos sopros, bater com o bico na unha do polegar da mão esquerda", registra Amadeu Amaral — São Paulo (38).

PINICA-PAU. "Designação também dada ao pica-pau", segundo Horácio de Almeida — Paraíba (29) e Saul Martins — Região do São Francisco (45). Abon.: "**Pinica-pau** é marinheiro/Ninguém pode duvidá/Com seu barrete vermelho/Sua camisa de zurgá" — do cancioneiro popular, registrada por Melo de Morais, segundo João Ribeiro — Rio de Janeiro (72) Veja PICA-PAU.

PIQUE-PAU. "Também conhecido por **pique-folha**. A organização é semelhante à do pique-tá, variando na escolha do pique, que será um pedaço de pau. Uma das modalidades do pique, brincadeira realizada por um grupo de crianças que consiste basicamente em corridas e perseguições", registra Cáscia Frade — Estado do Rio de Janeiro (81).

POR-CIMA-DE-PAUS-E-PEDRAS. "Contra todos os obstáculos e embaraços", "seja como for, apesar de quaisquer óbices", "haja o que houver", dicionarizam Tomé Cabral — Ceará (4), Leonardo Mota — Ceará (6), Manuel Viotti (39) e Horácio de Almeida — Paraíba (29). Abon.: "..., **por cima de pau e de pedra**, chova faca e canivete", COELHO, César. **Strip tease da cidade**. Fortaleza: Editora Terra do Sol, 1968, p. 133.

POR-OS-PAUZINHOS-AO-SOL. "Revelar intenções abusivas ou imprevistas; ousar", explica Guilherme Augusto Simões — Portugal (59).

POR-UM-PAU-EM-CIMA-DO-RABO. "Dar uma sova", informa Abel Marques Calderra — Ilha da Madeira (24).

POR-SE-A-PAU. "Acautelar-se, tomar cuidado", conforme Guilherme Augusto Simões — Portugal (59).

Q

QUANTO-MAIOR (ou MAIS-ALTO)É-O-PAU-MAIOR (ou MAIS-BONITA)É-A-QUEDA. "Quando os grandes homens caem das posições caem mais estrondosamente do que os que não têm grande relevo ou importância", registram R. Magalhães Júnior (52) e Leonardo Mota — Ceará (56).

QUATRO-PAUS. "Valente, hábil, idôneo, superior. Vulgar no interior de São Paulo. Reminiscência do popular e tradicional jogo do Truque em que a maior carta é QUATRO-PAUS, dito **zapé** ou **zápete**. Este jogo de baralho veio de Portugal no século XVI e em 1618 era vulgar na cidade do Salvador. **Truque** ou **Truco**. Abon.: "O José, que é **quatro-paus** nessas prosas com as mulheres", conforme Luís da Câmara Cascudo (31). Abon.: "O José, que é **quatro-paus** nessas prosas com as mulheres". SILVEIRA, Valdomiro. **Os caboclos**. São Paulo, 1920, p. 51.

QUE-PAU-É ESTE. "Brincadeira de roda entre crianças", segundo Tomé Cabral — Ceará (4).

QUEBRAR-PAU. "Brigar", explica Euclides Carneiro da Silva — Rio de Janeiro (46). Abon.: "Artistas **quebram-pau** na televisão". **Jornal do Dia**, São Paulo, 13, jul., 1970, p. 15

QUEBRAR-DE-PAU. "Espancar", registra Tomé Cabral — Ceará (4). Abons.: a) "... **quebraria** aquele sem-vergonha **de pau**" BEZERRA, João Clímaco. **Não há estrelas no céu**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio

Editora, 1948, p. 15; b) "— **Quebro-lhe de pau!** — Quequê! Enlouqueceu? Por que essa nova arenga? Nunca me tratou assim...." CONDÉ, José. **Pensão Rio da Noite**. Rio de Janeiro/São Paulo: Livraria José Olympio Editora/Editora Civilização Brasileira S. A./Editora Três, 1973, p. 79.

QUEBRAR-NO-PAU. "Surrar com violência", conforme Horácio de Almeida — Paraíba (29). Abons.: a) "Tinha ânsias de invadir a casa de Maria Ida, **quebrar** tudo **no pau** e tirá-la de lá". SOARES, Petrópidas. **Alaursa**. Recife: Secretaria da Educação, Cultura e Esportes/FUNDARPE, 1990, p. 55; b) "Se o senhor tocar num desses rapazes, vai para a cadeia e mando lhe **quebrar no pau**!" CAMPOS, Maximiano. **O Maior Façanha**. Rio de Janeiro: Editora Artenova S. A., 1975, p. 47.

QUEBRAR-O-PAU-NO-OUVIDO. "Tornar-se surdo", segundo Hildegardes Vianna — Bahia (79).

QUEBRAR-UM-PAU. **1**. "Discutir acirradamente; 2. Brigar com violência", dicionariza Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1).

QUEBRAR-SE-O-PAU-NAS-COSTAS. "Diz-se de quem paga sozinho o que foi cometido por várias pessoas conjuntamente", explica Mário Souto Maior — Nordeste/Pernambuco (41). Abon.: "Vejam como são as coisas! O pau terminou **se quebrando** nas costas do cabo Nestor!" MARINHO, Luís. **Vive o cordão encarnado**. Recife: Museu do Açúcar, 1969, p. 67.

QUEM-ACHA-PAU-FAZ-COLHER. O mesmo que QUEM-PROCURA-ACHA, registra Leonardo Mota — Ceará (49).

QUEM-DÁ-O-PÃO,-DÁ-O-PAU. "Expressão adaglária: quem dá o sustento, dá também o castigo quando necessário, conforme Silveira Bueno (7).

QUEM - NÃO-TEM-O-QUE-FAZER,-FAZ-COLHER-DE-PAU-E-BORDA. "Na ociosidade, procura-se fazer alguma coi-

sa útil, prolongando-se o trabalho para encher o tempo", diz Regina Lacerda — Goiás (74).

QUEM - NAO-TEM-O-QUE-FAZER.-FAZ-COLHERES,-QUE-ESTA-O-PAU-BARATO. Velho rifão recolhido por Pedro Chaves — Portugal (65).

QUEM-TEM-PENA-DE-PINICA/PAU,-DA-O-OCO. "Quem se aflige por alguém, por esse alguém se sacrifica", explica Leonardo Mota — Ceará (56).

QUESTÃO-DE-JATI-É-PAU-NÃO-TER-OCO. "Jati é uma espécie de abelha que faz, como as outras, a colméia no oco dos paus", segundo Afrânio Peixoto — Bahia (55). Trata-se da réplica a quem opõe contrariedade na conversa, dizendo: A questão é que...", conforme Leonardo Mota — Ceará (8)

R

RAIO-NÃO-CAI-EM-PAU-DEITADO. "E a gente, depois de ouvi-lo, e convencer-se dele, atura o até desafia os raios, quanto mais a ruindade dos homens", explica Afrânio Peixoto — Bahia (55).

RODA-DE PAU [ENTRAR-NUMA]. 1. "Não sei se o suplício está realmente esquecido pelos confins do Brasil. A locução é contemporânea. — Ele merecia entrar numa **roda de pau!** Roda-de-paus, deveria dizer-se. Punham o condenado, despido até a cintura, no meio de um círculo constituído por meia dúzia ou mais de indivíduos armados de rijas, flexíveis e resistentes varas. Subria o castigo aplicado em sucessivos golpes, ininterruptos, obrigando-o a correr no centro da roda durante o tempo previsto, no mínimo uma hora interminável. Franklin Távora descreveu minuciosamente a **Roda-de-Pau** em fins do século XVII, então muito praticada naqueles tempos, por naturais de Pernambuco (Lourenço, **Revista Brasileira**, VIII, Rio de Janeiro, 1881). O governador do Ceará, Luís da Mota Feo e Torres, num Bando de fevereiro de 1793, mandando prender e punir os ladrões de gado, vadios e facinorosos da Ribeira do Jaguaribe, especificava as penas cominadas: "Com açoites para os escravos, cabras e mestiços: Rodas-de-pau aos que forem ou parecerem brancos: palmatoadas para as mulheres na proporção da culpa e robustez de cada uma, e em dias interpolados". Penalidade legal. A **Roda-de-pau** era sobrevivência do castigo das vergas. Pena de varadas, para os soldados para as legiões de Roma. Nos navios, a punição correspondente era Correr-a-coxia, passando entre filas de

marinheiros, armados de calabrotes", ensina Luís da Câmara Cascudo (30); 2. "Surra", dicionariza Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1).

ROLA-PAU. "Pássaro de mau agouro que, segundo dizem, atrasa a vida de quem o ouve cantar. Sobre ele conta-se uma lenda em Bom Jesus de Itabapoana. Um capataz, julgando-se traído por sua mucama, mandou surrar o negro que acreditava ser o seu rival. Como ele negasse, o capataz lhe disse: — Eu vou te matar e a seus filhos todos. Só se aquele pau rolar eu não mando te matar! Então, até hoje, o escravo transformado em pássaro, grita: — **Rola pau! Rola pau!**. Daí o seu nome", explica Câscia Frade — Estado do Rio de Janeiro (81).

RONCAR-O-PAU "Ocorrer brigas, espancamentos", registra Tomé Cabral — Nordeste/Ceará (4). Abon.: "Um dia, o **pau-ronca** nas costas dele". REGO, José Lins do. **Moleque Ricardo**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora. 1935, p. 172.

S

SAIR-NO-PAU. "Espancar", registra Euclides Carneiro da Silva — Rio de Janeiro (46), que abona: "Tem uns caras aí que até **saíram no pau** com eles". MARCOS, Plínio. **O Pasquim**, Rio de Janeiro, 2-8, ago., 1970, p. 18.

SAIR-O-PAU-À-RACHA. "Sair o filho ao pai, isto é, tal pai, tal filho", conforme Guilherme Augusto Simões — Portugal (59) e Eno Teodoro Wanke/Roldão Simas Filho (28).

SANTINHA-(ou SANTO ou SANTA ou SANTINHO)-DO-PAU-OCO. "Frase irônica aplicada a um menino travesso, traquinas, ou a um indivíduo sanlarrão, manhoso, hipócrita ("Estamos de rosário na mão, orando com o maior fervor ao Sr. Padre Augusto, que é **santo-do-pau-oco**. **A Lanceta**, n. 31, 1890). **Santo-do-pau-oco** é o nome com que o povo chama a S. Wibaldo, por figurar de pé, dentro de um volumoso e carcomido tronco de árvore, como figurava na extinta Procissão de Cinzas, e ainda hoje é assim exposto com os demais santos dos andores daquela procissão na velha igreja da Ordem Terceira de São Francisco do Recife, em dias festivos (Pereira da Costa, **Vocabulário Pernambucano**, 662). A explicação é outra, atendendo-se à divulgação por todo o território brasileiro. As imagens de santos, esculpidas em madeira, eram ocas, e vinham de Portugal cheias de dinheiro falso. O Museu Histórico Nacional, do Rio de Janeiro, possui uma Nossa Senhora da Glória, presente de José Mariano Filho, que é típica-

mente uma **santa do pau oco**. A tradição desse esperteza corre pela Capital Federal, São Paulo, Pernambuco. Meneses de Oliva estudou claramente o assunto (**A santa do pau oco e outras histórias**, Rio de Janeiro, 1957, 21-35)", ensina Luís da Câmara Cascudo (60) (30). Outros estudiosos também registram o assunto: F. A. Pereira da Costa — Pernambuco (47), R. Magalhães Júnior (52), Alexandre Passos — Bahia (20), Horácio de Almeida — Paraíba (29), José de Cusatis — Rio de Janeiro (34) e Mário Souto Maior — Pernambuco (5) (85).

SEM PAU-NEM-PEDRA. 1. "Castigar alguém"; 2. "Trabalhando na sombra", dicionariza Guilherme Augusto Simões — Portugal (58).

SENTAR-O-PAU. "Agir com intensidade", registra Euclides Carneiro da Silva — Rio de Janeiro (46), que abona: "**Sentou-o-pau**, portanto. Não queria que a madrugada acabasse". RODRIGUES, Malu. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 1, jan., 1970, p. 6.

SER-BOM-NO-PAU. Diz-se do "cavalo muito resistente nas carreiras; ou de galo que, nas rinhas, tem bom ataque de esporões", segundo Manuel Viotti (39).

SER-PAU-DE-AMARRAR-ÉGUA. Diz-se de pessoa desmoralizada, que se presta a tudo (Nordeste/Pernambuco).

SER-PAU-PARA-TODA-OBRA. 1. "Servir para tudo; prestar-se a tudo; 2. Aplicar-se a muitas e diferentes coisas", conforme Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1), Tomé Cabral — Ceará (1), J. B. Serra e Gurgel (10), Mário Souto Maior — Pernambuco (85) e José de Cusatis — Rio de Janeiro (34). Abons.: a) "Quando a gente é moço é **pau-para-toda-obra**". ALMEIDA, José Américo de. **A bagaceira** (3a. ed.), Rio de Janeiro: J. Castilho Editora, 1928, p. 17; b) "Era o que por lá se chamava **pau-para-toda-obra**". MACEDO, Nertan. **Lampião**, p. 110.

SERRA-PAU. "Espécie de besouro que corta galhos de árvores, a fim de ali se alojar, abrigando-se das chuvas. A freqüência de galhos serrados por esses besouros, por ocasiões de prolongadas estiagens, é bom sinal da aproximação de chuva", registram Tomé Cabral — Ceará (4) e Horácio de Almeida — Paraíba (29).

SOVA-DE-PAU. "Espancamento a cacete", dicionariza Tomé Cabral — Ceará (4).

SUJO-QUE-NEM-PAU-DE-GALINHEIRO. Diz-se de tudo que é demasiadamente sujo, pessoas, animais e coisas, explica Mário Souto Maior — Nordeste/Pernambuco (85).

T

TACAR-O-PAU. 1. "Espancar"; 2. Começar — Tacou o pau a dizer besteira, registra Tomé Cabral — Ceará (4).

TER-PENA-DE-PICA-PAU. "É ter sorte". No Norte, a pena do pica-pau é considerada um poderoso amuleto. Para ser afortunado, basta achá-la, o que não é fácil, mas não é impossível, como nota João Ribeiro em "A língua nacional". Quando se diz: Esse homem **tem pena de-pica-pau** é o mesmo que dizer: Esse homem nasceu empelicado. João Ribeiro colheu a expressão em trabalho do Barão de Studart sobre as crendices tradicionais do povo cearense. Studart escreve: "Quem apanhar a pena do pica-pau ferreiro na ocasião em que ele trabalha para furar o pau e guardá-la, nunca lhe faltará nada pois tem a felicidade consigo. É até costume dizer-se do felizardo em jogo ou negócio: este **tem pena-de-pica-pau**", conforme R. Magalhães Júnior (52) e Leonardo Mota — Ceará (56), que troca PICA-PAU por PINICA-PAU.

TOCAR-O-PAU. "Baixar a ripa; meter-o-pau, espancar, surrar", segundo Horácio de Almeida — Paraíba (29).

TOMAR-UM-PAU. "Tomar uma lapada de cachaça", consigna Mário Souto Maior — Pernambuco (13).

TRÊS-PAUS. "O conjunto das traves e travessão: o gol", dicionariza Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1).

U

UM-DIA-É-DO-PAU,-O-OUTRO-É-DO-MACHADO. "Hoje por mim, amanhã por ti", conforme F. A. Pereira da Costa — Pernambuco (47).

UM-DOIS-DE-PAU. "Indivíduo inerte, impassível, imprestável", segundo Manuel Viotti (39).

UM-HOMEM-NÃO-É-DE-CERA-OU-DE-PAU. "Quando se quer referir que uma pessoa não é impassível perante ofensas ou coisas que o perturbem", dicionariza Guilherme Augusto Simões — Portugal (59).

UM-PAU-PELO-OLHO. "Frase irônica em resposta a um conceito como coisa insignificante, sobre uma ocorrência de caráter sério, grave", registra F. A. Pereira da Costa — Pernambuco (47)

UM-PAU-POR-UM-OLHO. "Pechincha" em Portugal, expressão popular recolhida por Eno Teodoro Wanke/ Roldão Simas Filho (28).

UM-PAU-POR-UM-OLHO-DENTRO. "Diz-se quando se verifica que é coisa rara: — O gajo me dá aquilo. foi um pau-por-um-olho-dentro", consigna Abel Marques Caldeira — Ilha da Madeira — Portugal (24).

UM-PAU-SÓ-NÃO-FAZ-MATA. "Como uma-andorinha-só-não-faz-verão", recolheu Afrânio Peixoto — Bahia (55).

V

VIVER-À-SOMBRA-DO-PAU. Diz-se de quem vive às custas de outrem (do pai, por exemplo), sem trabalhar, na sombra e com água fresca, na maior mordomia (Nordeste).

VOAR-NO-PAU. "Morrer, acabar-se, ir-se desta para a melhor", registra Mário Souto Maior — *Pernambuco* (59).

BIBLIOGRAFIA

1. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa** (2a. ed.). Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S/A, 1986.

2. SERAINE, Florival. **Dicionário de termos populares.** Rio de Janeiro: Organização Simões Editora, 1959.

3. CARNEIRO, Edson. **A linguagem popular da Bahia.** Rio de Janeiro, 1951.

4. CABRAL, Tomé. **Dicionário de termos e expressões populares.** Fortaleza, 1972.

5. SOUTO MAIOR, Mário. **Dicionário do palavrão e termos afins.** (6a. ed.). Rio de Janeiro: Editora Record, 1992.

6. GIRÃO, Raimundo. **Vocabulário popular cearense.** Fortaleza: Imprensa Universitária/Universidade Federal do Ceará, 1967.

7. SILVEIRA BUENO. **Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa.** São Paulo: Editora Saraiva, 1963.

8. MOTA, Leonardo. **Sertão alegre** (2a. ed.). Fortaleza: Imprensa Universitária/Universidade Federal do Ceará, 1965.

9. LARIO, Nivaldo. **Dicionário de baianês** (2a. ed.). Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1992.

10. GURGEL, J. B. Serra e. **Dicionário da gíria brasileira.** Brasília, 1985.

11. SOUTO MAIOR, Mário. **Galafaus & batorés**. Recife: Imprensa Universitária/Universidade Federal de Pernambuco, 1961.

12. BARBALHO, Nelson. **Dicionário da aguardente**. Recife, 1974.

13. SOUTO MAIOR, Mário. **Dicionário folclórico da cachaça** (3a. ed.). Recife: Editora Massangana/Fundação Joaquim Nabuco, 1985.

14. CAMPOS, Eduardo. **Folclore do Nordeste**. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1959.

15. CALAZANS, José. **Cachaça, moça branca** (2a. ed.). Salvador: Livraria Progresso Editora, 1951.

16. MIRANDA, Vicente Chermont de. **Glossário Paraense**. Belém: Universidade Federal do Pará, 1968.

17. CABRAL, Antônio. **Pequeno dicionário de Moçambique**. Lourenço Marques, 1972.

18. NOBRE, Eduardo. **Dicionário de calão**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988.

19. SILVEIRA, Valdomiro. **O mundo caboclo**. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio Editora, 1974.

20. PASSOS, Alexandre. **A gíria baiana**. Rio de Janeiro: Livraria São José Editora, 1973.

21. QUIRINO, Manuel. **A Bahia de outrora** (3a. ed.). Salvador, 1946.

22. BEAUREPAIRE-ROHAN. **Dicionário de vocábulos brasileiros** (2a. ed.). Salvador: Livraria Progresso Editora, 1956.

23. SILVA, Felisbelo. **Dicionário de gíria** (5a. ed.). São Paulo: Editora Prelúdio Ltda., s/d.

24. CALDEIRA, Abel Marques. **Falares da Ilha**. Funchal, Ilha da Madeira: Editorial Eco do Funchal Ltda., 1961.

25. INÁCIO FILHO, José. **Termos e tradições populares do Acre**. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1969.

26. ELIAS NETTO, Cecílio. **Arco, tarco, verva** (2a. ed.). São Paulo: PEC Promoções, 1968.

27. TACLA, Ariel. **Dicionário dos marginais**. Rio de Janeiro: Gráfica Record Editora, 1968.

28. WANKE, Eno Teodoro & ROLDÃO FILHO. **Dicionário lusitano-brasileiro**. Rio de Janeiro. Editora Tecnoprint, 1991.

29. ALMEIDA, Horácio de. **Dicionário popular paraibano**, Campina Grande, Paraíba: Edições Gratsel, 1984.

30. CASCUDO, Luis da Câmara. **Locucões tradicionais do Brasil** (2a. ed.). Rio de Janeiro: FUNART/Ministério da Educação e Cultura, 1977.

31. FARIA, Oswaldo Lamartine de & AZEVEDO, Guilherme de. **Vocabulário do criatório norte-rio-grandense**. Rio de Janeiro: Serviço de Informações Agrícolas/Ministério da Agricultura, 1966.

32. SANTIAGO, Paulino. **Dinâmica de uma linguagem: o falar de Alagoas**. Maceió- Universidade Federal de Alagoas, 1975.

33. TRIGUEIROS, Edilberto. **A língua e o folclore da bacia do São Francisco**. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro/Fundação Casa de Rui Barbosa/Universidade Federal de Alagoas/Conselho Estadual de Cultura da Bahia/Secretaria da Educação e Cultura de Sergipe, 1977.

34. CUSATIS, José de. **Festas, folguedos, falares**. Rio de Janeiro, 1987.

35. NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Organização Simões Editora, 1953.

36. MOURA, Hugo. Contribuição ao estudo do linguajar paraibano. **Revista da Faculdade de Filosofia da Paraíba**/Universidade Federal da Paraíba, vol. 2, n. 4, 1959/1964.

37. MOTA, Mauro. **Os bichos na fala da gente**. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1969.

38. AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. São Paulo: Editora Anhembi Limitada, 1955.

39. VIOTTI, Manuel. **Novo dicionário da gíria brasileira** (3a. ed.). São Paulo/Rio de Janeiro: Livraria Tupã Editora, 1957.

40. MOTA, Leonardo. **Violeiros do Norte** (3a. ed.). Fortaleza: Imprensa Universitária/Universidade Federal do Ceará, 1962.

41. SOUTO MAIOR, Mário. **A língua na boca do povo**. Recife: Editora Massangana/Fundação Joaquim Nabuco, 1992.

42. MOTA, Leonardo. **Cantadores** (3a. ed.). Fortaleza: Imprensa Universitária/Universidade Federal do Ceará, 1961.

43. SOUTO MAIOR, Mário. **Comes e bebes do Nordeste** (3a. ed.). Recife: Editora Massangana/Fundação Joaquim Nabuco, 1985.

44. GARCIA, Rodolfo. **Dicionário de brasileirismos** (Peculiaridades pernambucanas). Revista do Instituto Histórico, Rio de Janeiro, tomo LXXVI, 1915.

45. MARTINS, Saul. **Os barranqueiros**. Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros, 1969.

46. SILVA, Euclides Carneiro da. **Dicionário da gíria brasileira**. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1979.

47. COSTA, F. A Pereira da. **Vocabulário pernambucano** (2a. ed.). Recife: Secretaria da Educação e Cultura, 1976.

48. CARVALHO DEDA. **Brefaias e burudanges do folclore sergipano**. Aracaju: Livraria Regina, 1967.

49. MOTA, Leonardo. **No tempo de Lampião**. Fortaleza: Imprensa Universitária/Universidade Federal do Ceará, 1967.

50. ALMEIDA, Luís. Misturas alcoólicas. **Turdor**, Salvador, 30, abr., 1949.

51. RIBAS, Vasco José Taborda. Linguagem paranaense. **Resenha/Boletim Informativo**, Fundação Cultural de Curitiba, Curitiba, n. 21, set., 1976.

52. MAGALHÃES JÚNIOR, R. **Dicionário brasileiro de provérbios, locuções e ditos curiosos** (3a. ed.). Rio de Janeiro: Editora Documentário, 1974.

53. SOUTO MAIOR, Mário. **A morte na boca do povo**. Rio de Janeiro: Livraria São José Editora, 1971.

54. LAMENZA, Mário. **Provérbios** (3a. ed.). Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., 1950.

55. PEIXOTO, Afrânio. **Mirangas**. Rio de Janeiro: Livraria Cátedra, 1977.

56. MOTA, Leonardo. **Adagiário brasileiro**. Fortaleza: Imprensa Universitária/Universidade Federal do Ceará, 1982.

57. CLEROT, L. F. R. **Vocabulário de termos populares e gíria da Paraíba**. Rio de Janeiro, 1959.

58. MARIA FRANCILINA & DRUMMOND, Ibrahim. Do falar cuiabano. **Cadernos Cuiabanos**, n. 5. Prefeitura Municipal de Cuiabá, abr., 1976.

59. SIMÕES, Guilherme Augusto. **Dicionário — Expressões populares portuguesas**. Lisboa: Perspectivas e Realidades, 1995.

60. CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro** (3a. ed.). Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1972.

61. PONTES, Joel. **Palavras luso-brasileiras do futebol**. Recife: Imprensa Universitária/Universidade Federal de Pernambuco, 1971.

62. TÖLLENARE, L. F. **Notas dominicais**. Recife: Secretaria de Educação/Departamento de Cultura, 1978.

63. VIEIRA FILHO, Domingos. **A linguagem popular do Maranhão**. São Luiz, 1956.

64. BARBALHO, Nelson. **Dicionário do açúcar**. Recife: Editora Massangana/Fundação Joaquim Nabuco, 1984.

65. CHAVES, Pedro. **Ritoneiro português** (2a. ed.). Porto: Editorial Domingos Barreira, 1945.

66. IBIAPINA, Fontes. **Passarela de marmotas**. Teresina: Comeri, 1975.

67. ÂNGELO, Assis. **O coronel e a borboleta e outras histórias nordestinas**. São Paulo: Studio F, 1992.

68. VIANA, Hildegardes. **A cozinha baiana** (2a. ed.). São Paulo. Edições GRD. 1967.

69. DIÓGENES, Nestor. **Brasil virgem**. Recife: Livraria Universal, 1924.

70. NONATO, Raimundo. **Visões e abusões nordestinas**. Natal. Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 1979.

71. VERÍSSIMO DE MELO. **Adivinhas**. Natal. 1948.

72. RIBEIRO, João. **A língua nacional**. Rio de Janeiro, 1921.

73. RIBEIRO, Joaquim. **Introdução ao estudo do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro. Edições Alba, 1934.

74. LACERDA, Regina. **Vila Boa — História e Folclore**. Goiânia: Edições Oriente, 1977.

75. PELLEGRINI FILHO, Américo. **Folclore paulista** (2a. ed.). São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura/ Cortez Editora, 1985.

76. JAPUR, Jamile. **Cozinha tradicional paulista**. São Paulo: Loic Promoções, 1963

77. LESSA, Luís Barbosa & CORTES PAIXAO. **Danças e andanças de tradição gaúcha**. Porto Alegre: Edições Garatuja, 1975.

78. MARCONI, Marina de Andrade. **Garimpos e garimpeiros em Patrocínio Paulista**. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978.

79. VIANNA, Hildegardes. **A Bahia já foi assim**. Salvador: Editora Itapuã, 1973.

80. GAUDÊNCIO, George de Queiroz. **Como é o Cariri.** João Pessoa, 1984.

81. FRADE, Cáscia (coordenadora). **Guia do folclore fluminense**, Rio de Janeiro: Secretaria de Estado de Ciência e Cultura/Departamento de Cultura/Presença, 1985.

82. BRASILEIRO, Francisco. Monografia sobre o rio das Garças. **Revista do Arquivo**, CXLIV, 346, São Paulo, 1951.

83. GALVÃO, Hélio. **Diário de Natal**, Natal, 11, jan., 1948.

64. COUTINHO, Afrânio. **Enciclopédia de literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/Fundação de Assistência ao Estudante, 1990.

65. SOUTO MAIOR, Mário. **Painel folclórico do Nordeste**. Recife: Imprensa Universitária/Universidade Federal de Pernambuco, 1981.

66. MAGALHÃES, Raimundo. **Vocabulário popular**. Belém: Typ. da Livraria Escolar, 1911.

67. ANDRADE, Mário de. Os eufemismos da cachaça. **Hoje**, São Paulo: 83(1-4), abril., 1944.

68. SALLES, Vicente. Folclore da região canavieira do Pará. **Brasil Açucareiro**, Rio de Janeiro, 72(2):9-15, ago., 1968.

INDICE ONOMASTICO

A

ALENCAR, José Martiniano de 76.
ALMEIDA, Fialho de 31.
ALMEIDA, Horácio de 29, 30, 31, 32, 33, 37, 45, 60, 67, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 79, 81, 82, 83, 84, 88, 90, 93, 100, 101, 103.
ALMEIDA, José Américo de 19, 22, 42, 55, 67, 79, 80, 83, 85, 89, 90, 100.
ALVEIDA, Luís 94.
AMADO, Jorge 70, 72, 94.
AMARAL, Amadeu 80.
ANDRADE, Carlos Drummond de 32, 58, 65, 70.
ANDRADE, Mário de 73.
ANDRADE, Oswald de 46, 59, 70, 72, 81.
ANGELO, Assis 32, 35, 46, 65, 75, 86.
AZEVEDO, Guilherme 71.

B

BARBALHO, Nelson 30, 39, 43, 60, 73, 79, 82, 85, 87.
BARBOSA, Lasar 78.
BARROSO, Gustavo 19, 22, 86.
BATISTA, Pedro 62.
BEAUREPAIRE-ROHAN, 36, 71.
BELO, Júlio 73.
BEZERRA, João Clímaco 88, 93.
BORBA FILHO, Hermílio 27, 57, 60, 70, 75, 84.
BRASILHINO, Francisco 30.

C

CABRAL, Antônio 71.
CABRAL, Tomé 29, 30, 31, 32, 34, 35, 36, 41, 42, 48, 55, 57, 59, 60, 62, 63, 70, 71, 73, 78, 80, 85, 86, 88, 90, 93, 98, 100, 101, 103
CALAZANS, José 33, 87,
CALDEIRA, Abel Marques 25, 39, 45, 71, 78, 80, 88, 91, 105.
CAMPOS, Eduardo
CAMPOS, Maximiano 53, 82, 94.
CARNEIRO, Edson 69, 70, 78.
CARVALHO Deda 26, 81.
CARVALHO, José 71.
CARVALHO, José Cândido de 45, 60, 77, 85,
CASCUDO, Luís da Câmara 38, 58, 61, 76, 79, 85, 93, 98, 100.
CASTRO, Eugênio de 82,
CAVALCANTI, Paulo 75.
CAVALCANTI, Valdemar 59.
CHAVES, Pedro 25, 27, 30, 35, 39, 42, 45, 52, 55, 63, 65, 68, 87 89, 95.
CHERMONT, Vicente 79.
CLEROT, L.F.R. 70, 74, 79, 86, 98.
COELHO, César 42, 90,
CONDÉ, José 73, 94,
CONTENTE, António 32.
CONY, Carlos Heitor 70.
COSTA, F A. Pereira da 25, 32, 33, 34, 39, 42, 43, 45, 47, 51, 57, 60, 61, 67, 69, 71, 72, 73, 77, 80, 81, 83, 96, 99, 100, 108.
COUTINHO, Afrânio 72.
CUSATIS, José de 37, 43, 44, 52, 59, 70, 82, 87, 100.

D

D'ELIA, Antônio 78,
DIOGENES, Nestor 24, 42, 44, 66, 85, 88.
DRUMMOND, Ibraim 33, 79, 87.

E

ELIAS NETO, Cecílio 84.

F

FARIAS, Oswaldo Lamartine de 71.
FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda 25, 26, 27, 29, 30, 32, 37, 45, 46, 56, 57, 60, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 77, 78, 82, 83, 84, 85, 89, 94, 99, 100, 103
FONTES, Ibiapina 51.
FRADE, Cácia 59, 61, 89, 90, 99.
FRANCELINA, Maria 33, 79, 97.

G

GALVÃO, Augusto César Sales 75.
GALVÃO, Hélio 51.
GARCIA, Rodolfo 42, 67, 73, 79, 98, 80.
GAUDÊNCIO, George Queiroz 32, 34, 67, 74, 76, 78, 85.
GIRÃO, Raimundo 61, 73, 97.
GONZAGA, Luís 46, 75.
GUIMARÃES, J. 74.
GURGEL, J. B. Sorra e 88, 84, 100.

I

INACIO FILHO, José 72, 71, 73, 78, 85.

J

JAPUR, Jamil's 77.
JULIÃO, Francisco 73.

L

LACERDA, Regina 90, 95.
LAMENZA, Mário 26, 26, 27, 31, 57, 98.
LANDIM, Mário 41, 88.
LARIÚ, Nivaldo 34, 75.
LEITÃO, Dário Sé 39, 41, 44, 65, 79, 80, 83, 84.
LESSA, Orígenes, 32.
LIMA, Jorge de 73
LUSTOSA, Nelson 30.

M

MACEDO, Nertan 85, 100.
MAGALHÃES JÚNIOR, R. 31, 33, 38, 39, 43, 52, 59, 73, 82, 84, 86, 88, 93, 100, 103.
MANUEL, Quirino 79.
MARCONI, Marina de Andrade 66, 87.
MARCOS, Plínio 98.
MARIANO, Filho 89.
MARINHO, Luís 94.
MARIZ, Inês 42.
MARTINS, Fran 32, 41.
MARTINS, Saul 31, 47, 73, 79, 90
MONT'ALEGRE, Omer 35
MORAES, G. 75.
MOURA, Hugo 87
MOTA, Leonardo 26, 30, 32, 33, 35, 36, 39, 42, 43, 44, 51, 57, 58, 60, 62, 63, 65, 67, 70, 79, 92, 93, 96, 90, 93, 94, 95, 103.
MOTA, Mauro 33, 63, 73, 75.

N

NASCENTES, Antenor 73, 87.
NOBRE, Eduardo 25, 26, 33, 44, 55, 70, 76, 79, 92, 94, 95
NONATO, Raimundo 87.

O

OLIVA, Menezes de 100.
OLIVEIRA, D. Martins de 37, 84.

P

PACHECO, José 82, 86.
PAIXÃO, Cortes 76.
PALMÉRIO, Mário 46.
PASSOS, Alexandre 26, 35, 42, 76, 78, 79.
PEIXOTO, Afrânio 21, 61, 62, 87, 95, 97, 105.

PELLEGRINI FILHO, Américo 71, 81.
PIMENTEL, Altamar 60, 71, 98.
PINHEIRO, Irineu 55, 59.
PONTES, José 55, 71.
PROENÇA, M. Cavalcanti 84.

R

RAMOS, Graciliano 19, 22, 74.
REGO, José Lins do 60, 98.
RIBAS, Vasco José Tahorda 76
RIBEIRO, João 90, 100.
RIBEIRO, Joaquim 93.
RODRIGUES, Melo 100.
ROSA, João Guimarães 18, 22, 68.

S

SALES, Vicente 73.
SAMPAIO, Advogado Fernandes 77.
SANTIAGO, Paulino 30, 45, 61, 69, 70, 73, 75, 76, 79, 82, 88, 97.
SERAINE, Florival 33, 65, 66, 71, 78, 82, 93, 97.
SETE, Mário 35.
SILVA, Euclides Carneiro 31, 32, 76, 93, 99, 100.
SILVA, Felisberto da 84, 85, 86.
SILVA, Leonardo Dantas 49.
SILVEIRA, Bueno 31, 43, 45, 56, 76, 89, 94.
SILVEIRA, Peixoto 29.
SILVEIRA, Veiga Júnior 74, 91.
SIMAS FILHO, Roldão 41, 55, 83, 89, 105.
SIMÕES, Guilherme Augusto 25, 26, 27, 31, 32, 33, 37, 38, 41, 42, 43, 44, 45, 55, 56, 61, 71, 72, 76, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 91, 99, 100, 105.
SOARES, Elza 73.
SOARES, Pelópidas 94.
SOUTO MAIOR, Mário 22, 33, 43, 46, 57, 67, 69, 70, 72, 73, 74, 77, 79, 80, 81, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 94, 100, 101, 103, 107.

T

TACLA, Ariel 70.
TÁVORA, Franklin
TOLLENARE, L. F., 83.
TORRES, Luís da Mota Feo e 97.
TRIGUEIROS, Edilberto 47, 83.

V

VARNHÃO, Lucílio 70.
VASCONCELOS, Mercos 31.
VENANCIO & COHUMBA 74.
VELO, Veríssimo de 31.
VIANA, Hildegardes 84, 60, 61, 82, 87, 94.
VIEIRA, Zeu Zeu 89.
VIOTTI, Manuel 25, 28, 32, 34, 39, 41, 44, 55, 57, 65 70, 71, 72, 73, 74, 79, 79, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 90, 100, 105.

Z

ZÓZIMO, 66.

W

WANKE, Pno Teodoro 41, 55, 83, 89, 106.

OPINIÕES

O RECIFE — QUATRO SÉCULOS DE SUA PAISAGEM

MARIO SOUTO MAIOR e LEONARDO DANTAS SILVA

FELIX COLUCCIO, Argentina: ..."quiero agradecer le muchisimo el livro O RECIFE — QUATRO SÉCULOS DE SUA PAISAGEM, verdadeira joya, que nos hace retroceder cuatro siglos, con toda su historia, sus recifes, mareas y edificación que fue quedando a traves del tiempo y hoy es una honda y sentida nostalgia. Quelro felicitalo a vd. y a Leonardo Dantas Silva por haber emprendido esta tarea que honra y pone en el corazón de los brasilenos y de los americanos en general, esta antologia histórica que se fue seleccionando com criterio rigueroso. Hay escritos extraordinarios, como el de Maria Graham, ezemplo de mujer valiente, dotada de grandes virtudes, para ver, describir y dejar un testemonio que nos llena de admiración: el de Pereira da Costa, orgulho, con un con nacvedor una cinta de piedra, inculta, viva. Todos han dado lo mejor. Llegue a Vds. nuestra gratitud por hacernos vivir en cámara lenta un mundo como Recife, su mar, sus embarcaciones, su gente, su arquitectura. Mandamos un abrazo a Vds dos y la Fundação Joaquim Nabuco que es una gloriosa Institucion que mira hacia adelante y apoya ur pasado histórico tan rico."

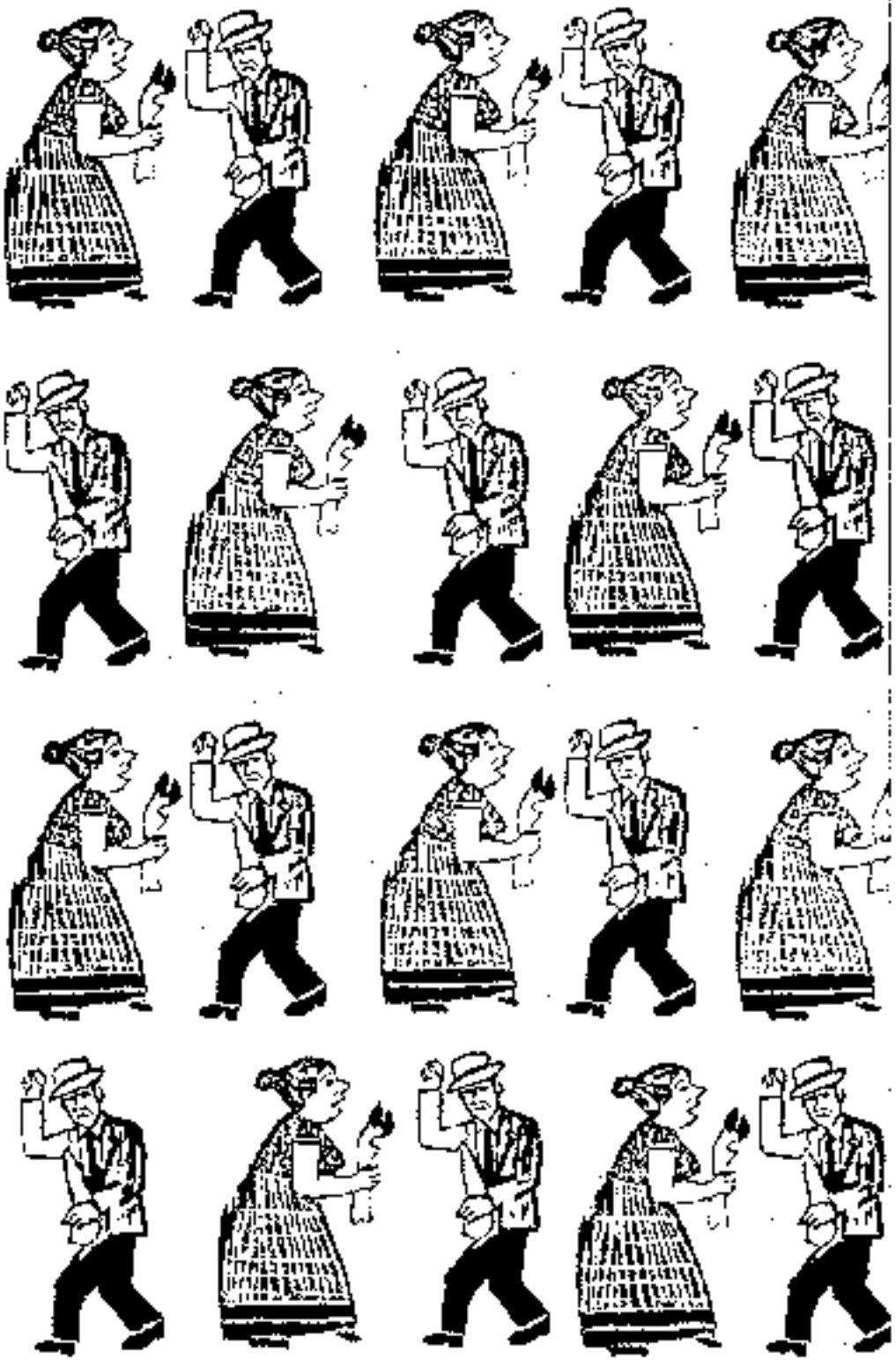
MARCUS PRADO, **Diario de Pernambuco,** Recife, 26.3.1993: "Fizemos referência à ação editorial da FUNDAJ, a propósito do seu recente O RECIFE — QUATRO SÉCULOS DE SUA PAISAGEM, reunião de textos de grande relevância histórica e documental, feita pelos pesquisadores Mário Souto Maior e Lecnardo Dantas Silva. A edição, que contou com o apoio da Prefeitura do Recife, é verdadeiramente preciosa como roteiro — através do relato de seus numerosos autores — para compreensão desta amorosa cidade dos rios, das pontes, das antigas residências palacianas; cidade também dos mocambos e casebres de barro; cidade de poetas, boêmios e cidade mãe de ideais revolucionários. É livro para ser lido e comprados, depois, outros exemplares, para dar aos amigos, daqui e de outras cidades e países. É livro-cartão-postal."

FERNANDO GONÇALVES, **Jornal do Commercio,** Recife, 6.1.1993: "Confesso publicamente o meu entusiasmo por um lançamento de tamanha grandeza. A leitura do livro faz-se de um só fôlego, tamanha a massa de informações interessantíssimas lá contidas. Valia a pena cada biblioteca escolar da cidade do Recife ter pelo menos um exemplar, para que os jovens educandos e seus mestres pudessem entender melhor as raízes do Recife, ampliando seu carinho por um cidade que necessita ser mais amada pelos que nela criaram suas estruturas existenciais."

BRÁULIO DO NASCIMENTO, Rio de Janeiro: "Parabéns pelo excelente trabalho. Diante das dificuldades da pesquisa ainda reinantes em nosso país, um trabalho dessa natureza, realizado com paciência, argúcia e critério seguro de seleção, representa para o estudioso enorme ganho de tempo e sobretudo o acesso aos textos verdadeiramente importantes sobre o tema. É mais um serviço de grande relevância que ambos prestam ao país e a Pernambuco."

EDUARDO CAMPOS, Fortaleza: "... um livro oportuno e valioso para quem, como eu, admira o Recife."

COMPOSIÇÃO, ARTE, FOTOLITO, IMPRESSÃO E ACABAMENTO
NO PARQUE GRÁFICO DA

COMPANHIA
EDITORA DE
PERNAMBUCO

RUA COELHO LEITE, 530 - STA AMARO - RECIFE - PE - FONE: 421-4333
CEPE 35 ANOS DE SERVIÇOS GRÁFICOS